

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - IEL

ROSANA GEMIMA AMÂNCIO

AS “CIDADES TRIGÊMEAS”:

**UM ESTUDO SOBRE ATITUDES LINGÜÍSTICO-SOCIAIS E
IDENTIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Lingüística da Universidade Estadual de Campinas, como
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tânia Maria Alkmim

Campinas - 2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IEL - UNICAMP

Am13c

Amancio, Rosana Gemima.

As “Cidades Trigêmeas”: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade / Rosana Gemima Amancio. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Tânia Maria Alkmim.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociedade. 2. Atitudes. 3. Identidade. 4. Diferença. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: The Triplet Cities: a study on sociolinguistic attitudes and identity.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Society; Attitude; Identity; Difference.

Área de concentração: Sociolingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (orientadora), Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera e Profa. Dra. Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo.

Data da defesa: 03/04/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Tânia Maria Alkmim

Tânia Maria Alkmim

Profª. Drª. Vanderci de Andrade Aguilera

Vanderci

Profª. Drª. Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo

Carolina Rodriguez Zuccolillo

Profª. Drª. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

Profª. Drª. Jonas de Araújo Romualdo

IEL / UNICAMP, 3 de abril de 2007

200730589

AGRADECIMENTOS

A meus pais, irmãos e familiares pelo apoio e compreensão,

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Alkmim,

A todos os membros das comunidades investigadas que me auxiliaram na pesquisa:

Gislene Lúcia Barzotto e Juana da Rocha, coordenadoras pedagógicas da Escola Estadual Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas, em Barracão,

Professor Sedi Zanella, diretor da Faculdade da Fronteira (FAF),

Os professores e funcionários da FAF,

Professora Gladys Amelia Castro, diretora da Escuela Normal Superior nº 12 de Bernardo de Irigoyen,

Professora Fatima Elena Zaragoza, professora de língua portuguesa da Escuela nº 604,

Professor José Alberto Cantero, diretor de cultura do município de Bernardo de Irigoyen,

E os funcionários das prefeituras das três localidades.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As “Cidades Trigêmeas”**: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar e problematizar dados relacionados às atitudes sociolingüísticas e à identidade, e/ou diferença, manifestadas por membros de três cidades, separadas apenas por linhas imaginárias. É discurso corrente em Barracão, Paraná, Dionísio Cerqueira, Santa Catarina, e Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina, que os três municípios compõem juntos uma realidade única: uma tríplice fronteira seca entre dois países, três estados e três cidades, formando, assim, as Cidades Trigêmeas. Entretanto, a rivalidade histórica existente entre brasileiros e argentinos nos fez duvidar da harmonia e irmandade anunciadas oficialmente e, dessa forma, elaboramos uma pesquisa em que o principal objetivo é questionar a passividade na interação entre estes indivíduos e analisar quais as conseqüências que tal proximidade gera na esfera da avaliação lingüística e social e na identificação entre os grupos. Os dados, coletados *in loco* a partir de entrevistas com sujeitos das três localidades, apontaram que o fenômeno é realmente mais complexo do que o discurso oficial leva a crer. Atitudes lingüísticas e sociais de caráter negativo foram percebidas, sobretudo dos brasileiros frente aos argentinos. E a identidade manifestada quando afirmam formarem um grupo unido e coeso, ou seja, as Cidades Trigêmeas, se contrapõe à diferença manifestada ao estabelecerem distinções e delimitações entre Brasil e Argentina. É, portanto, uma relação complexa e contraditória, que nos levou a distinguir uma tensão entre o que chamamos de “comunidade ideal”, no primeiro caso, e de “comunidade real”, no segundo.

Palavras-chave: sociedade; atitude; identidade; diferença.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **The Triplet Cities**: a study on sociolinguistic attitudes and identity. 2007. Dissertation (Master's in Linguistics) – State University of Campinas.

ABSTRACT

This paper's purpose is to present and discuss the sociolinguistic attitudes and identity, and/or difference, manifested by members of three cities, separated only by imaginary lines. It is common sense in Barracão, Paraná, Dionísio Cerqueira, Santa Catarina, and Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina, that these three towns form together a unique reality: a triple dry border between two countries, three states and three cities, the Triplet Cities. However, the historical rivalry that there has always been between Brazilians and Argentineans made us doubt the harmony and brotherhood officially stated and, therefore, we elaborated a research in which the main goal is to question the passivity in the interaction of these people and analyze what consequences this proximity generates in the linguistic and social evaluation sphere and in the identity among the groups. The data, collected *in loco* from interviews with informers of the three localities, shows that the phenomenon is more complex than what the official discourse tries to convey. Negative linguistic and social attitudes have been perceived, mainly from Brazilians towards Argentineans. And the identity manifested when they claim the existence of a united and homogeneous group, the Triplet Cities, opposes the difference manifested when distinctions and delimitations are established between Brazil and Argentina. This is a complex and contradictory relationship, which made us notice a tension between what we name "ideal community", in the first case, and "real community", in the second.

Keywords: society; attitude; identity; difference.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Uma Viagem no Tempo.....	9
1.2. O Primeiro Passo	10
1.3. Delimitando os Objetivos	12
1.3.1. Objetivo Geral	13
1.3.2. Objetivos Específicos	13
1.4. Organizando as Idéias	14
2. UM OLHAR SOBRE AS CIDADES TRIGÊMEAS	16
2.1. Características e História dos Municípios	16
2.2. Integração e Convívio Social	20
2.3. O Sistema de Ensino e as Línguas	23
2.4. As Atrações das Cidades Trigêmeas	25
3. METODOLOGIA	31
3.1. Sobre a Observação	31
3.2. Sobre os Informantes	32
3.3. Sobre o Questionário	36

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	41
4.1. As Atitudes Lingüísticas	41
4.1.1. Definição	42
4.1.2. Abrangência	44
4.1.3. Métodos	46
4.2. Identidade Lingüística	48
4.3. Alguns Estudos sobre Atitudes Lingüísticas no Brasil	52
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	61
5.1. Atitudes Sociolingüísticas: Avaliando as Cidades Trigêmeas	61
5.2. Atitudes Sociolingüísticas: Avaliando a Língua do Outro	68
5.3. Atitudes Sociolingüísticas: Avaliando o Outro	76
5.4. Identidade Lingüística	79
5.5. Identidade Social	83
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
8. APÊNDICES	99
8.1. APÊNDICE A – Ficha de Dados sobre os Informantes	99
8.2. APÊNDICE B – Questionário	100

1. INTRODUÇÃO

1.1. Uma Viagem no Tempo

Brasil e Argentina apresentam desde o início de sua formação incontáveis semelhanças e diferenças. São países cuja história se entrelaça em diversos pontos e que reproduzem antigas rivalidades, talvez herdadas de seus colonizadores, Portugal e Espanha. Rivalidades que, embora não explicitadas em determinadas situações, ficam evidentes em outras, como, por exemplo, nas piadas que brasileiros fazem com os argentinos e que, por certo, eles também fazem com os brasileiros. Além disso, há as rixas provocadas pela rivalidade no esporte. Brasileiros e argentinos são grandes esportistas, adoram futebol e são adversários ferrenhos.

Após tantos anos de história, essa rivalidade já está fixada no imaginário popular como algo inquestionável. Por isso, a afirmação de que existe, de fato, uma forte rivalidade entre os dois povos, ainda que latente em alguns momentos, não é mais do que a reprodução do senso comum, estabelecido há anos. Por outro lado, investigar como esse contato se dá no âmbito lingüístico, ou sociolingüístico, parece-nos fazer avançar no entendimento desta relação. Abordar, especificamente, as atitudes sociolingüísticas de falantes parece-nos ainda mais produtivo e interessante.

Não pretendemos, no entanto, tomar como objeto de estudo os dois países como um todo, mas sim três comunidades que por suas particularidades sócio-

geográficas mostram-se extremamente ricas e produtivas aos olhos do pesquisador. Trata-se de dois municípios brasileiros, Barracão e Dionísio Cerqueira, situados nos estados do Paraná e Santa Catarina, respectivamente, e um município argentino, situado na província de Misiones, chamado Bernardo de Irigoyen, que se encontram na fronteira entre Brasil e Argentina. Embora se trate de três municípios administrativamente independentes, Barracão, Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen são geograficamente unidos, separados apenas por linhas imaginárias, ou seja, têm seus limites estabelecidos por o que se conhece como “fronteira seca”. Uma vez em Barracão, por exemplo, basta atravessar a rua para chegar a Dionísio Cerqueira, e de lá, para ir a Bernardo de Irigoyen, bastam alguns passos em direção à cidade.

1.2. O Primeiro Passo

Durante o ano de 2004, levamos a cabo uma pesquisa preliminar sobre as atitudes lingüístico-sociais manifestadas pelos moradores das três cidades antes mencionadas, visando a detectar se haveria entre os grupos uma relação de identidade lingüística e social e, também, investigar se eles se reconheciam como uma mesma comunidade de fala. Para tanto, aplicamos um questionário formado por perguntas que versavam sobre as formas de comportamento e convívio social dos três grupos, sobre possíveis rivalidades entre eles e suas impressões sobre o modo de falar dos moradores das cidades vizinhas.

Foram entrevistados doze membros da comunidade, com idade entre 20 e 40 anos, sendo quatro, dois homens e duas mulheres, representantes de cada um dos municípios.

Os resultados apontaram que, embora os informantes afirmassem serem todos iguais e admitissem conviver como se formassem uma única cidade, essa identidade só acontecia de fato entre os moradores das duas cidades brasileiras. Quando contrapostos os brasileiros e os argentinos, no entanto, uma diferenciação bastante marcada pôde ser percebida.

Além disso, foi recorrente em todas as entrevistas a preocupação em deixar claro que todos ali se relacionavam muito bem, não havendo distinção entre eles. Contudo, informações colhidas durante os inquéritos (como, por exemplo, o fato de existir entre eles *aquela coisa de desprezo. Aquela coisa que até a gente mesmo faz assim: é castelhano! É a realidade. É automático*, fala produzida por uma informante de vinte anos da cidade de Barracão – PR sobre os vizinhos argentinos) mostraram que as rivalidades e diferenciações existem, apesar de os informantes se esforçarem para escondê-las, deixando-as transparecer apenas implicitamente em suas declarações.

Julgamos que o principal obstáculo para a obtenção de dados mais claros e precisos nesta investigação inicial foi o fato de que a maior parte dos sujeitos que participaram da pesquisa eram funcionários das prefeituras locais, de outros órgãos públicos ou comerciantes, setor este que depende basicamente dos argentinos, e tinham, portanto, interesses diversos em jogo; interesses estes que causavam em todos a mesma reação: o desejo e a preocupação de passar uma imagem boa da localidade

para a pesquisadora que, aos olhos deles, poderia ser uma forasteira, quiçá uma ameaça.

Diante disso, decidimos aprofundar o conhecimento que tínhamos da realidade sócio-lingüística local e efetuar uma segunda pesquisa, cujo resultado apresentamos nesta dissertação de mestrado. Nossos objetivos, desta vez, foram ampliados, nosso questionário reestruturado e nossos informantes selecionados de acordo com outros critérios, a fim de se compensar as limitações com as quais concluímos o estudo anterior.

Não obstante o fato de reconhecermos que ainda pode haver lacunas a serem preenchidas, acreditamos que demos um passo que pode ser fundamental para a caminhada em direção à compreensão dos fenômenos lingüísticos e sociais concernentes às Cidades Trigêmeas.

1.3. Delimitando os Objetivos

Estabelecemos metas para a presente pesquisa levando em conta as informações registradas e analisadas anteriormente. Pretendemos, pois, realizar uma pesquisa de caráter descritivo, visando a alcançar os seguintes objetivos:

1.3.1. Objetivo Geral

Descrever e problematizar as atitudes sociolingüísticas e a identidade, e/ou a não-identidade, manifestadas entre estes indivíduos, levando em conta uma divisão não entre as três cidades, mas sim entre os dois países, isto é, englobando Barracão e Dionísio Cerqueira em um único grupo em oposição a Bernardo de Irigoyen.

1.3.2. Objetivos Específicos

a) Verificar como os membros mais jovens destas comunidades se posicionam com relação à presença de indivíduos falantes de outra língua, além de investigar que efeitos esta proximidade gera na relação de identidade lingüística e social de tais informantes;

b) Explicitar os juízos de valor emitidos sobre o outro e sobre a fala do outro, bem como apresentar e discutir as impressões subjetivas manifestadas.

Tendo, pois, em mente as informações obtidas em nosso estudo preliminar, elaboramos as seguintes questões de pesquisa, que são ao mesmo tempo questões motivadoras e provocadoras:

Q1. Será que o convívio entre brasileiros e argentinos (grupos historicamente rivais) em uma região de fronteira seca, na qual são obrigados a dividir

praticamente o mesmo espaço, é mesmo tão pacífico quanto quer nos fazer crer o discurso oficial corrente na localidade?

Q2. Há mesmo uma identificação entre os membros das três cidades a ponto de favorecer e justificar a formação de uma única e mesma comunidade chamada “Cidades Trigêmeas”?

1.4. Organizando as Idéias

A fim de proporcionar uma melhor estruturação deste trabalho, os capítulos seguintes estão divididos desta maneira:

i) o capítulo dois trata das três cidades focos de nossa pesquisa; nele apresentamos informações diversas, como, por exemplo, dados históricos e quantitativos sobre os municípios, além de aspectos da interação entre os grupos e das propostas de ensino que o contato das línguas fez nascer;

ii) o terceiro capítulo é dedicado à descrição dos procedimentos metodológicos adotados no decorrer da pesquisa e informações relevantes sobre a coleta e disposição dos dados;

iii) o capítulo quatro é onde descrevemos os pressupostos teóricos norteadores da discussão proposta; trata-se de uma breve apresentação das principais idéias apresentadas na bibliografia pesquisada, sendo elas direcionadas ao fenômeno

das atitudes lingüísticas e ao processo de identidade e diferenciação manifestadas entre grupos de falantes;

iv) a análise e discussão dos dados será feita no capítulo seguinte, o de número cinco;

v) finalmente, apresentaremos as considerações finais às quais nossa análise nos permitiu chegar.

2. UM OLHAR SOBRE AS CIDADES TRIGÊMEAS

2.1. Características e História dos Municípios

Os três municípios com os quais trabalharemos são Barracão, situado no estado do Paraná, Dionísio Cerqueira, pertencente ao estado de Santa Catarina, e Bernardo de Irigoyen, localizado na província de Misiones, Argentina. Não há, entretanto, qualquer separação espacial entre estas três cidades, ou seja, elas são unidas, delimitadas apenas por linhas imaginárias.

É importante ressaltar que embora se encontrem ali apenas dois países, o termo “Tríplice Fronteira” é utilizado com freqüência pelos habitantes locais para denominar as três localidades. Expressões como “Tri-Fronteira” ou “Cidades Trigêmeas” são, também, muito recorrentes e são mencionadas, inclusive, em *folders* e folhetos turísticos distribuídos pelas prefeituras ou outras instituições locais. Em virtude disso, em nosso trabalho, utilizaremos aleatoriamente as três denominações para nos referirmos aos municípios de Barracão, Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen. Enfatizaremos, no entanto, o termo “Cidades Trigêmeas” por acreditarmos que nele a visão corrente da unicidade e irmandade entre os três municípios fica mais clara do que nos outros termos empregados.

O município de Barracão está localizado ao sudoeste do Paraná, a uma distância de 555 km da capital Curitiba. Ele foi criado em 14 de novembro de 1951 e

instalado em 14 de dezembro de 1952, e tem uma área de 177 km². Já o município catarinense, localizado na região do extremo-oeste do estado, a uma distância de 760km de Florianópolis, foi fundado em 14 de março de 1954 e possui uma área de 379,3 km². Conforme dados do censo do IBGE de 2000, a população de Barracão é de 9.273 habitantes, ao passo que Dionísio Cerqueira tem cerca de 14.286 habitantes.

O município de Bernardo de Irigoyen, por sua vez, foi criado em 11 de julho de 1921, está localizado no ponto mais oriental da Argentina a cerca de 340 km de distância de Posadas, capital da província e, de acordo com dados de 2001 do *Instituto Nacional de Estadísticas y Censos* – INDEC, conta com uma população de 10.889 habitantes.

É possível compreender melhor o que significa uma fronteira seca ao observar as fotos abaixo, disponíveis no *site* do município de Barracão.





Os relatos historiográficos dão conta de que por volta de 1750, uma comissão de cientistas portugueses e espanhóis estabeleceu uma divisão das terras fronteiriças naquela região, utilizando-se do seguinte critério: tomando como base a mais alta cordilheira, onde as águas da chuva fossem a oeste seria território espanhol, e a leste, território português.

Porém, depois da guerra do Paraguai, a Argentina pôs em dúvida a divisão feita anteriormente e reivindicou para si as terras onde hoje se situa o município de Barracão, o que resultou em uma disputa territorial – conhecida como "Conflito das Missões" – que durou muitos anos e culminou com a interferência do então presidente

americano Grover Cleveland, que, no dia 5 de fevereiro de 1895, deu ganho de causa ao Brasil.

Entre os anos de 1895 e 1903, comissões formadas por brasileiros e argentinos empenharam-se em construir os mapas das fronteiras. Ao término do trabalho, foi inaugurado o Marco das Três Fronteiras, de onde é possível colocar um pé no Paraná, outro em Santa Catarina e esticar o braço em território argentino. É justamente do ano de 1903 que data a criação das vilas que deram origem aos atuais municípios de Barracão e Dionísio Cerqueira, ambas criadas pelo então Chefe de Comissão de Demarcação dos Limites General Dionísio Cerqueira, que foi também ministro das Relações Exteriores, trabalhando no processo de demarcação da fronteira Brasil-Argentina durante as negociações do "Conflito das Missões".

Ambas as vilas, no momento de sua criação, eram território paranaense e só em 1916, com a solução da questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, é que o território que mais tarde se transformaria no município de Dionísio Cerqueira passou para a jurisdição do estado catarinense. O critério utilizado para o acerto das divisas dos estados do Paraná e Santa Catarina foi semelhante ao usado antes por portugueses e espanhóis: águas da chuva ao sul, Santa Catarina, águas da chuva ao norte, Paraná. A povoação catarinense foi elevada à categoria de distrito em 1917 com o nome de Barracão, designação esta que só foi alterada em 1938 quando recebeu o nome pelo qual é conhecida até hoje.

Entre os três municípios da "Tríplice Fronteira", Barracão é, pois, o nome mais importante, historicamente falando. Isso porque antes de serem

emancipados, este era o nome pelo qual os três povoados eram conhecidos. A origem do nome é incerta. Alguns historiadores dizem que ele vem de um acampamento construído naquela região por bandeirantes paulistas em 1636; outros afirmam que ele teria se originado de uma redução jesuítica com o objetivo de repelir as Bandeiras Portuguesas em terras missioneiras. Fato é que o povoado argentino chamou-se Barracón até 1921, quando recebeu o nome Bernardo de Irigoyen em homenagem ao advogado que esteve presente nas negociações dos limites da fronteira entre Brasil e Argentina. E só quando o distrito do lado catarinense passa a se chamar Dionísio Cerqueira é que o nome Barracão fica definitivamente para o lado paranaense.

2.2. Integração e Convívio Social

Não são apenas os limites territoriais que se confundem nestas comunidades, mas também a realidade sócio-cultural dos três grupos, que têm uma convivência muito próxima.

Assim, não é raro encontrar, por exemplo, cidadãos de Barracão que trabalham ou moram em Dionísio Cerqueira, dionisienses que estudam em Barracão, argentinos fazendo compras nas lojas de uma das cidades brasileiras, além de famílias formadas por casais de barraconenses e dionisienses ou mesmo – e em grande número – de brasileiros e argentinos. Três de nossos informantes oriundos de Bernardo de Irigoyen, por exemplo, são filhos de pais argentinos e mães brasileiras.

A Festa da Integração, que acontece uma vez ao ano em Dionísio Cerqueira, é um exemplo do intercâmbio cultural que ocorre entre os três grupos. Escolas e instituições privadas participam da organização e representantes das três cidades montam barracas e fazem apresentações de dança, música etc. A festa tem como objetivo promover a integração entre os moradores das três cidades e enaltecer o que cada uma tem de melhor.

Os projetos turísticos das três cidades, em consonância, destacam a fronteira seca entre os três municípios como a principal potencialidade turística da região. Atrativos outros – como as cachoeiras que existem na região de Dionísio Cerqueira – são raros. Os projetos que tencionam promover o turismo nas “Cidades Trigêmeas” evidenciam, portanto, sua realidade sócio-geográfica como principal chamariz. Até agora, contudo, foram obtidos resultados ínfimos com as tentativas já feitas de atrair o turista para lá. De qualquer forma, os panfletos distribuídos pelas cidades chamam a atenção do leitor para o fato de haver entre os três municípios uma característica única e que deve ser valorizada. É notável, portanto, que os moradores da “Tri-Fronteira” sentem orgulho da realidade da qual fazem parte, o que ficou claro, também, em nossas entrevistas.

Vale ressaltar, ainda, aspectos da integração religiosa dos dois países. Há, em um ponto limítrofe entre Brasil e Argentina, um capitel com as imagens das santas padroeiras do Brasil, Nossa Senhora da Aparecida, e da Argentina, Nuestra Señora de Lujan, cada qual voltada para seu país. Toda terça-feira, uma missa é celebrada ali por um padre argentino, logo, em espanhol. Já as leituras e os cânticos, que são feitos aleatoriamente pelos fiéis, são pronunciados ora em português ora em

espanhol, dependendo da nacionalidade do fiel. Além disso, três dos informantes argentinos com quem conversamos disseram participar de um grupo de jovens da Igreja Quadrangular que se reúne ora no Brasil ora na Argentina, demonstrando, também, uma grande integração religiosa.

A figura abaixo – também proveniente da página do município de Barracão na *Internet* – ilustra a integração entre os dois países.



Além do que já foi mencionado, vale acrescentar que a realidade geográfica encontrada na Tríplice Fronteira gera fatos curiosos. Há, por exemplo, uma convenção quanto aos postes de iluminação pública utilizada para delimitar os territórios, que serve de orientação para os visitantes, não tão acostumados com as linhas imaginárias como os moradores locais. Há alguns anos, os postes de Barracão eram quadrados e os de Dionísio Cerqueira eram redondos, mas, visto que os postes de iluminação pública em formato redondo pararam de ser fabricados, a distinção dos limites entre as duas cidades passou a ser feita pelas cores dos postes. Atualmente, na cidade paranaense, os postes de iluminação pública são pintados de azul e branco, ao passo que no município catarinense as suas cores são o verde e o amarelo.

2.3. O Sistema de Ensino e as Línguas

A maior parte das escolas de Barracão e Dionísio Cerqueira, tanto municipais quanto estaduais, oferecem a disciplina de espanhol como língua estrangeira aos alunos. Na Argentina, a Escuela Normal nº 12, que oferece o ensino polimodal, correspondente ao nosso ensino médio, não inclui aulas de português na grade curricular, porém, os alunos interessados podem cursar esta disciplina em aulas extras que acontecem fora do horário de aula normal.

Está sendo desenvolvido, também, o Projeto Bilíngüe, implantado em março de 2005 e que oferece aos estudantes brasileiros o ensino de espanhol – e aos alunos argentinos, de português – como segunda língua. O projeto intitulado *Escolas Bilíngües em Zonas de Fronteira* foi assinado pelos ministros da educação do Brasil e da Argentina, Tarso Genro e Daniel Filmus e é desenvolvido também em outras duas escolas que ficam na fronteira de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, com Paso de los Libres, província de Corrientes.

Na região da “Tri-Fronteira”, fazem parte deste projeto a Escola Estadual Theodureto Carlos de Faria Souto, em Dionísio Cerqueira, e a Escuela de Frontera nº 604, em Bernardo de Irigoyen. Duas vezes por semana, professoras brasileiras lecionam para os alunos argentinos, enquanto os alunos brasileiros têm aulas com professoras argentinas. Como o projeto é instalado gradualmente, até o momento em que estivemos na localidade, atendia aos alunos das primeiras e segundas séries do ensino fundamental. As atividades interdisciplinares são planejadas

em conjunto pelas equipes pedagógicas de ambas as escolas e, ao fim do projeto, os alunos fazem um intercâmbio e apresentam os resultados obtidos aos colegas do outro país.

Há, ainda, a FAF – Faculdade da Fronteira, que, embora esteja localizada na cidade de Barracão, nasceu de uma mobilização regional e oferece os cursos de Administração com Habilitação em Comércio Exterior, Matemática e Informática. Tanto barraconenses como dionisienses constituem o público alvo da instituição, mas não há alunos argentinos matriculados em nenhum dos cursos ofertados, tampouco fazem parte do corpo docente professores oriundos da Argentina.

Embora o espanhol seja ensinado em grande parte das escolas locais como língua estrangeira, poucos brasileiros se interessam por estudar esta língua. Há, por exemplo, na FAF cursos de extensão de língua inglesa e espanhola que são abertos de acordo com a procura dos interessados, e, no entanto, no período em que estivemos na localidade, havia duas turmas de inglês e nenhuma de espanhol, o que evidencia um desinteresse por esta língua, ou, ao menos, indica a idéia de que, por ser semelhante ao português, a língua espanhola não precisa ser estudada. Interessante que, dentre os informantes com quem conversamos, mesmo aqueles que falam espanhol fluentemente, não costumam usar esta língua nas interações com os membros do país vizinho. O mais comum, segundo eles, é que, durante uma conversa entre brasileiros e argentinos, aqueles falem português e estes espanhol sem que isso prejudique o entendimento mútuo.

2.4. As Atrações das Cidades Trigêmeas

Como mencionamos anteriormente, a “tri-fronteira seca” é apontada nos *folders* municipais e folhetos turísticos como principal atração da região. As figuras adiante exemplificam o esforço das prefeituras e instituições locais em exaltar as qualidades e singularidades da “Tríplice Fronteira”.

A primeira delas foi extraída de um jornal local e destaca as “atrações das cidades trigêmeas”, como avenidas em que metade da pista pertence a Barracão - PR e a outra metade a Dionísio Cerqueira – SC, um prédio que se localiza em plena linha divisória entre os dois estados, ou seja, uma de suas metades está no Paraná, a outra em Santa Catarina, o cassino localizado em Bernardo de Irigoyen, onde o jogo é legal, e, também, o marco da fronteira. Entre as fotos e suas legendas, lê-se o seguinte texto: “Dionísio Cerqueira-SC, Barracão-PR e Bernardo de Irigoyen-ARG, as cidades trigêmeas: situação única no mundo. Quando se fala em fronteira seca, as três cidades protagonizam uma situação que, até onde se tem conhecimento, é única no mundo: são dois países, três estados, três municípios e três cidades que fundem-se em um único conglomerado urbano formando uma só cidade, cujos limites são apenas ruas”.

A segunda figura é um panfleto de hotel em que também se nota o apelo para que o leitor “conheça a tri-fronteira seca entre três cidades, três estados e dois países”. Além disso, neste folheto há referência à localização favorável ao mercosul: “No Extremo-Oeste Catarinense, Dionísio Cerqueira é referência quando o assunto é Mercosul. Sua posição geográfica encurta trajetos entre os países do

Mercado Comum do Cone Sul. Dionísio Cerqueira faz divisa seca com Barracão/PR e Bernardo de Irigoyen/Misiones/Argentina, um fato único na América Latina”, além de, como na figura 1, mencionar o cassino, principal opção de lazer e entretenimento local.

As figuras 3 e 4, por sua vez, foram extraídas de um documento da prefeitura de Dionísio Cerqueira e apontam, em consonância com as duas primeiras, que Barracão, Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen “protagonizam uma situação única no mundo em termos de fronteira seca” e destacam que ali o turista teria a chance de “estar, ao mesmo tempo, em três lugares distintos, e brincar com a possibilidade rara de ir de um país ao outro, apenas atravessando a rua”.

Figura 1



O marco em frente à sede da Associação Comercial e Agroindustrial-Asocagri determina o ponto onde se juntam dois países, três estados, três municípios e três cidades. Ícone único no mundo em divisas por linha seca: à esquerda, Barracão-PR; à direita, Bernardo de Irigoyen-ARG, e ao fundo, Dionísio Cerqueira-SC

Dionísio Cerqueira-SC, Barracão-PR e Bernardo Irigoyen-ARG, as cidades tri-gêmeas: situação única no mundo

Quando se fala em fronteira seca, as três cidades protagonizam uma situação que, até onde se tem conhecimento, é única no mundo: são dois países, três estados, três municípios e três cidades que fundem-se em um único conglomerado urbano (vide foto e matéria mais abrangente na página 4), formando uma só cidade, cujos limites são apenas ruas.



Os moradores do prédio acima dormem no Paraná e fazem as refeições em Santa Catarina. A linha divisória entre os dois estados corta o prédio ao meio. Abaixo, o "Marco Grande", com as cidades gêmeas ao fundo

Atrações das Cidades Tri-Gêmeas



Rua com meia pista asfaltada (Barracão-PR) e a outra meia pista em calçamento (Dionísio Cerqueira-SC). As divisas entre as três cidades são demarcadas apenas por ruas



O Cassino World, em Bernardo de Irigoyen

Esta situação impar propicia peculiaridades como ruas com metade de seu leito em um estado e metade em outro. A Rua Nereu Ramos (foto no alto) é um exemplo: a meia pista do lado do Paraná é de calçamento e a do lado catarinense é de asfalto. Nesta rua é normal o trânsito pela contra mão, pelo asfalto. "São coisas das cidades tri-gêmeas, como se diz por aqui!"



A esquerda, Bernardo de Irigoyen-Argentina, e à direita, Barracão-Brasil



Vista da Avenida Santa Catarina: no lado esquerdo da rua, é Barracão-PR, e no lado direito, Dionísio Cerqueira-SC

Figura 2

Desfrute de conforto e comodidade.



Atendimento feito pela família Kreutz a mais de 50 anos.



A primeira refeição do dia é sempre muito saborosa.



Oito opções em apartamentos do Simples ao Luxo.



- TV
- Frigobar
- Ar Condicionado
- Aquecimento Central
- Sacada
- Garagem

Localização Estratégica



No Extremo-Oeste Catarinense, Dionísio Cerqueira é referência, quando o assunto é Mercosul.

Sua posição geográfica encurta trajetos entre os países do Mercado Comum do Cone Sul. Dionísio Cerqueira faz divisa seca com Barracão/PR e Bernardo de Irigoyen/Misiones/Argentina, um fato único na América Latina.

Entretenimento

O Worest Casino é uma boa opção de lazer e entretenimento, a apenas 400 metros do Hotel Iguacu, no lado argentino da fronteira.



Figura 3



DIONÍSIO CERQUEIRA

SANTA CATARINA

LOCALIZAÇÃO

O município de Dionísio Cerqueira está localizado na região do Extremo-Oeste de Santa Catarina, na fronteira com o Estado do Paraná e com a Província de Misiones, República Argentina. As chamadas “Cidades Tri-Gêmeas”, Dionísio Cerqueira-SC; Barracão-PR e Bernardo de Irigoyen-Argentina, protagonizam uma situação única no mundo em termos de fronteira seca: são três municípios, três cidades, três estados e dois países que se fundem em um único conglomerado urbano, cujas divisas são apenas ruas.



Figura 4



TURISMO

Dionísio Cerqueira é a passagem de milhares de turistas oriundos de países latinoamericanos, principalmente da Argentina, que passam suas férias no litoral catarinense ou paranaense. Durante cada temporada de verão, cerca de 70 mil turistas entram no Brasil por Dionísio Cerqueira.

Os pontos geográficos, históricos, religiosos e culturais, são algumas das emocionantes e envolventes atrações turísticas que a tri-fronteira dispõe aos seus visitantes.

- Estar, ao mesmo tempo, em três lugares distintos, e brincar com a rara possibilidade de ir de um país ao outro, apenas atravessando a rua.

- Uma vibrante noite no cassino de Bernardo de Irigoyen,

- Um passeio na nascente do Rio Peperi-Guaçu, que as históricas contendas estabeleceram como marcador da divisa entre os dois gigantes sul-americanos.



Filas de turistas em frente a Delegacia de Polícia Federal, durante a temporada de verão.



O Cassino é uma das atrações, com ambiente confortável, shows e muita diversão, a 100 metros da divisa, no lado argentino.



Marco Grande divisorio de Brasil e Argentina, edificado em 1903.



Dionísio Cerqueira tem cerca de 30 cascatas.

3. METODOLOGIA

A coleta de dados *in loco* teve como objetivo, em um primeiro momento, colher informações relacionadas ao contato e ao entendimento entre os grupos e, em seguida, a aplicação de um questionário a moradores do local. A partir destas entrevistas, esperávamos registrar os dados a serem discutidos na análise de nosso trabalho a fim de obter respostas às questões que originaram esta pesquisa.

3.1. Sobre a Observação

Desde o primeiro momento em que adentramos a comunidade, aproveitamos toda e qualquer oportunidade para captar dados sobre o convívio dos representantes dos três grupos que formam a “Tri-Fronteira”. Através de conversas informais e outras em caráter de entrevista, pudemos aprofundar nossa compreensão de como se dá o contato na região. Visitamos prefeituras, instituições de ensino, cartórios e outros órgãos públicos a fim de coletar dados diversos sobre as questões que nos interessavam. Muitas das informações obtidas a partir destas conversas foram relatadas no capítulo anterior.

As observações e conversas, porém, revelaram mais do que já foi descrito. Diversos depoimentos serviram para nos direcionar e indicaram outros caminhos para a obtenção dos dados que queríamos. Além disso, as conversas

informais foram importantes para comprovar nossas suspeitas e também para corroborar os dados obtidos entre os informantes. Muito do resultado deste trabalho devemos àqueles que se disponibilizaram a nos ajudar enquanto estivemos em campo.

3.2. Sobre os Informantes

Os critérios pré-estabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes:

- ter entre 15 e 25 anos;
- estar cursando o ensino médio ou superior;
- ter nascido e sempre vivido na região;

Não delimitamos o número de informantes para a pesquisa, mas ao final dos inquéritos contabilizamos um total de vinte entrevistas, sendo dez com informantes do sexo masculino e dez do sexo feminino. Foram realizadas catorze entrevistas com brasileiros e seis com argentinos. Há duas razões pelas quais o número de informantes não é uniforme: a primeira delas é que, embora estejamos considerando uma oposição entre Brasil e Argentina, não podemos esquecer que estão em jogo duas cidades brasileiras e apenas uma do outro país – assim, de fato, temos nove informantes de Barracão, cinco de Dionísio Cerqueira e seis de Bernardo de Irigoyen; a segunda razão foi forçada pelo limite da comunicação lingüística, uma vez que a pesquisadora não fala espanhol e poderia encontrar dificuldades para entrevistar

argentinos fora do ambiente escolar, como, aliás, já havia acontecido na primeira experiência em campo.

A maior parte das entrevistas foi realizada em instituições de ensino locais. Três delas foram feitas com alunos do curso de Administração com ênfase em Comércio Exterior da Faculdade da Fronteira. Oito entrevistas foram realizadas com alunos do ensino médio da Escola Estadual Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas, em Barracão. Também os inquéritos com os jovens argentinos foram feitos na escola em que estudavam, a Escuela Normal Superior nº 12 em Bernardo de Irigoyen. As três entrevistas restantes foram feitas com jovens que moravam ou trabalhavam no centro da cidade. Uma delas, portanto, foi realizada nos fundos da loja do pai da informante, as outras, nos locais de trabalho dos entrevistados.

Previamente à entrevista, procuramos explicar de forma breve aos informantes o interesse de nossa pesquisa, dizendo que pretendíamos compreender melhor como era o relacionamento entre brasileiros e argentinos em uma região de fronteira diferenciada como aquela, após o que preenchemos uma ficha com os dados pessoais dos informantes, tais como nome completo, idade, escolaridade, cidade em que moram, endereço etc. Na ficha – que está disposta nos apêndices desta pesquisa – havia, também, um espaço reservado para observações outras que pudessem ser relevantes, além do local em que a entrevista foi realizada e da data.

Embora tivéssemos os critérios pré-estabelecidos sempre em mente, alguns dos informantes selecionados para a pesquisa não nasceram ali, mas estão radicados em uma daquelas cidades há muitos anos. Há, ainda, uma informante que

extrapolou o limite de idade, o que julgamos não representar uma inconveniência, mesmo porque os dados disponibilizados por ela foram extremamente interessantes para a pesquisa, uma vez que em sua entrevista foram apontados de forma direta diversos traços de rivalidade entre brasileiros e argentinos, além de avaliações negativas, que os outros informantes, no mais das vezes, tentaram suavizar.

Para identificar os informantes, criamos um código individual, de acordo com o seguinte padrão: marcamos com B os brasileiros e com A os argentinos; com M os informantes do sexo masculino e com F as do sexo feminino; estas letras são seguidas pelo número correspondente à idade do informante e, por fim, em caso de repetição dos dados iniciais, o número 1 precedido de um ponto. Assim, o código BM15 corresponde a um informante brasileiro do sexo masculino com 15 anos de idade e o código AF16 refere-se a uma informante argentina do sexo feminino com 16 anos de idade. Para uma melhor organização das informações referentes aos sujeitos participantes da pesquisa dispomos no quadro abaixo as iniciais, idade, nível de escolaridade e procedência dos informantes, além da duração aproximada de cada entrevista.

	Iniciais	Idade	Escolaridade	Procedência	Duração
BM15	GD	15 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	20'
BF16	ACCT	16 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	20'
BF17	ACS	17 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	20'
BM17	RHN	17 anos	Ensino médio completo	Dionísio Cerqueira	21'

BF19	KMSM	19 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	16'
BF19.1	MM	19 anos	Ensino médio completo	Dionísio Cerqueira	21'
BM19	AK	19 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	16'
BM19.1	MRR	19 anos	Ensino superior incompleto	Barracão	22'
BF20	CM	20 anos	Ensino médio completo	Dionísio Cerqueira	20'
BM20	MAFS	20 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	16'
BF22	LD	22 anos	Ensino médio incompleto	Barracão	21'
BM24	IC	24 anos	Ensino médio incompleto	Dionísio Cerqueira	17'
BM25	JA	25 anos	Ensino superior incompleto	Dionísio Cerqueira	34'
BF34	MGP	34 anos	Ensino superior incompleto	Barracão	31'
AF15	LJR	15 anos	Ensino médio incompleto	Bernardo de Irigoyen	15'
AF16	LVK	16 anos	Ensino médio incompleto	Bernardo de Irigoyen	16'
AF16.1	PF	16 anos	Ensino médio incompleto	Bernardo de Irigoyen	19'
AM16	GG	16 anos	Ensino médio incompleto	Bernardo de Irigoyen	19'
AM16.1	ES	16 anos	Ensino médio incompleto	Bernardo de Irigoyen	26'
AM17	LMI	17 anos	Ensino médio incompleto	Bernardo de Irigoyen	17'

3.3. Sobre o Questionário

Detalharemos, nesta seção, nossos objetivos para com as dezoito questões elaboradas para a pesquisa, questões estas voltadas tanto para as atitudes quanto para a identidade – ambas lingüísticas e sociais – manifestadas pelos informantes. O questionário completo está disponibilizado ao final do trabalho em forma de apêndice.

Vale ressaltar que, embora as perguntas aqui transcritas refiram-se sempre aos brasileiros, havia outro questionário, aplicado aos argentinos, no qual as questões eram feitas diretamente a estes e sobre estes informantes. Assim, a pergunta “o que você acha do argentino falando espanhol?”, por exemplo, quando feita a um informante argentino, era formulada da seguinte forma: “o que você acha do brasileiro falando português?” e assim por diante. Apesar de termos elaborado uma versão do questionário em espanhol, todos os inquéritos foram feitos em português, já que os seis jovens argentinos com os quais conversamos eram fluentes neste idioma e se dispuseram a falá-lo durante a entrevista.

A primeira pergunta do questionário tinha como objetivo deixar claro para o informante que o foco de nosso interesse eram as Cidades Trigêmeas, como são denominadas por eles, e, também, obter dados sobre a avaliação do informante quanto ao grupo formado pelas três cidades.

- 1. Você sabia que essas três cidades aqui são conhecidas como “tríplice fronteira” ou “cidades trigêmeas”? O que você acha disso?

As demais questões sobre as atitudes lingüísticas e sociais, ou seja, aquelas que tinham como pretensão registrar a avaliação do informante sobre a língua e o grupo oposto, são as de número 3, 4, 5, 6, 7, 8 (8.1 e 8.2), 9, 11 (11.1 e 11.2) e 16, que são colocadas abaixo:

- 3. Na sua opinião, que língua é considerada mais importante aqui na tríplice fronteira: o português ou o castelhano? Por quê?
- 4. Você já fez ou ouviu alguma piada sobre argentinos que tinha a ver com o modo de falar deles?
- 5. O que você acha do argentino falando espanhol?
- 6. E o que você acha do argentino falando português?
- 7. Na sua opinião, qual língua é mais fácil / mais difícil: o português ou o castelhano?
- 8. E qual língua é mais bonita / agradável / melhor?
- 8.1. (Se o português é mais bonito) Cite exemplos do que você acha feio no castelhano.
- 8.2. (Se o português é melhor) Explique porque o português é melhor que o castelhano.

- 9. Existe algum apelido que você usa para se referir aos argentinos quando você está com seus amigos?

- 11. Você sabe falar espanhol / português (como LE)?

- 11.1. (Em caso de resposta afirmativa) Como você aprendeu essa língua? E porque você decidiu aprendê-la?

- 11.2. (Em caso de resposta negativa) Você acharia importante aprender essa língua ou isso não tem nenhuma importância para você? Por quê?

- 16. Se eu te pedisse pra me explicar como é o castelhano, como você definiria essa língua para mim? Quais são suas características?

As questões que tinham como foco a identidade – ou a não-identidade – sociolinguística entre os sujeitos das três cidades são as de número 17 e 18:

- 17. Imagine a seguinte situação: as prefeituras destas cidades resolvem fazer um acordo e decidem que de agora em diante a língua oficial da “Tríplice Fronteira” é o espanhol. Qual seria sua reação? O que mudaria na convivência das pessoas daqui?

- 18. Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os argentinos. E com relação ao português e o castelhano/espanhol?

Já as perguntas de número 2, 10 (10.1 e 10.2), 12, 14 e 15 tinham como foco aspectos da interação social e do convívio entre os grupos. Com elas objetivamos investigar traços de rivalidade existentes entre brasileiros e argentinos,

além de como isso influenciava o convívio entre eles e, também, relações de amizade entre jovens de nacionalidades diferentes. São elas:

- 2. Você acha que existe algum tipo de rivalidade / desentendimento entre os moradores daqui? (brasileiros e argentinos)

- 10. Você tem amigos argentinos?

- 10.1.(Em caso de resposta afirmativa) Como vocês se conheceram? Como é a relação de vocês?

- 10.2. (Em caso de resposta negativa) Por que não?

- 12. Se um argentino tirasse sarro de você por causa do seu jeito de falar, o que você diria para ele? Isso já aconteceu?

- 14. Você já ficou chateado com alguma coisa que um argentino te disse? O que aconteceu?

- 15. Teve alguma situação em que você tenha se aborrecido com o fato de morar tão próximo de argentinos? Como foi isso? (Em caso negativo: Isso nunca te incomodou?)

Embora tenhamos procurado organizar as perguntas de acordo com seus objetivos principais, muitas delas se prestavam à averiguação de tópicos diferentes, como a de número 18, por exemplo, que poderia revelar, além dos dados sobre identidade, traços das atitudes dos informantes. Além disso, dependendo da espontaneidade e da eloquência de cada informante, uma pergunta poderia ser apenas o início de uma dissertação mais prolongada, na qual informações diversas poderiam

ser obtidas. Isso aconteceu em vários momentos durante as entrevistas. Também, devido à busca por uma maior espontaneidade e um menor nível de constrangimento, não seguimos sempre a ordem em que as questões estão propostas no questionário, assim as entrevistas assemelharam-se mais a uma conversa informal e o questionário serviu mais como um roteiro para essas conversas.

Sobre o questionário, é importante ressaltar, ainda, que: a) tivemos o cuidado de elaborar algumas questões em que nosso objetivo estava bastante claro e podia ser facilmente identificado pelo informante, como as de número 1 e 15, por exemplo, e também outras em que o interesse motivador da pergunta dificilmente seria compreendido pelo informante, como as de número 3 e 13, por exemplo. Dessa forma, colocamos em prática tanto o método direto quanto método indireto de pesquisa, que explicaremos adiante; e b) algumas questões mostraram-se pouco produtivas, sobretudo as mais diretas, e, por isso, nem todas serão discutidas na análise dos dados, embora todas tenham sido importantes para a compreensão geral do fenômeno.

4. EMBASAMENTO TEÓRICO

4.1. As Atitudes Lingüísticas

Em primeiro lugar, consideramos importante enfatizar o quanto a idéia de língua está relacionada à idéia de cultura. De acordo com Kramsch (2003:3), a língua expressa, engloba e simboliza a realidade cultural. *Language expresses cultural reality* seja porque ela permite a expressão de fatos, idéias ou eventos que só são comunicáveis porque se referem a uma série de conhecimentos compartilhados pelas pessoas, seja porque as palavras têm o poder de manifestar atitudes, crenças e pontos de vista em relação aos outros. *Language embodies cultural reality* através de seus aspectos verbais e não-verbais, que são compreensíveis ao grupo no qual o falante se insere. E, por fim, *language symbolizes cultural reality*, pois os falantes se identificam e identificam os outros através da língua, ou seja, a língua é vista pelos falantes como um símbolo de sua identidade social. Estas considerações têm uma ligação essencial com os conceitos de atitudes e identidade lingüísticas, que são fundamentais nesta pesquisa.

Concentremos-nos, agora, nas atitudes lingüísticas. Falaremos um pouco sobre a concepção de atitude e métodos de pesquisa, visitando autores de diferentes áreas – psicologia social, etnolingüística e sociolingüística – que tratam deste assunto.

4.1.1. Definição

O conceito de atitude, em sua origem, foi discutido pelos pesquisadores da psicologia social, que buscavam respostas para entender certos comportamentos humanos e suas motivações. Mais tarde, este fenômeno passou a interessar aos lingüistas, que passaram a direcionar as pesquisas sobre atitudes para a esfera da língua, ou seja, investigando as manifestações positivas ou negativas que os falantes fazem sobre a fala dos outros indivíduos e sobre sua própria fala. Assim, o conceito de atitude se especifica e passa-se a utilizar o termo “atitudes lingüísticas”, que tem a ver com o *modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento lingüístico* (MELLO, 2003:89). Os estudos nesta área objetivam investigar como são avaliados os traços lingüísticos característicos de uma língua ou de uma variedade de língua. Cargile *et al.* (1994:212) vão além e afirmam que *language attitudes encompass more than attitudes towards different, clearly identifiable language varieties. People develop culturally specific attitudes about variability among a number of language behaviours such as one’s accent, voice quality, speech rate, lexical diversity, lexical intensity, and so forth.*

Nesta pesquisa, no entanto, trabalharemos não com a noção de “atitude lingüística” simplesmente. Assim como têm feito alguns estudiosos da sociolingüística que se dedicam à compreensão deste fenômeno, utilizaremos o termo, mais completo e abrangente, “atitude sociolingüística”. É o que faz, por exemplo, Bisinoto (2000:36),

para quem a terminologia “atitude sociolingüística” é muito mais apropriada quando se investiga a relação sociedade – língua – atitude, uma vez que

ao lado da variedade lingüística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto lingüística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude lingüística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas lingüísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos.

Há, ainda, que se considerar os dois pontos de vista que podem direcionar os estudos sobre atitudes, os quais chamaremos de mentalista e comportamentalista (cf. Fernández, 1998, Morales, 1993 e Fasold, 1984). A concepção comportamentalista entende a atitude como uma resposta do indivíduo a certas situações sociais. Dentro desta perspectiva, a atitude é comumente vista como um elemento único, indivisível. A visão mentalista, por sua vez, define o conceito de atitude como um “estado mental”, ou seja, a atitude é entendida como o resultado de um estímulo interno que faz com que o indivíduo reaja de uma forma ou de outra. Sem dúvida, existe na adoção deste ponto de vista o inconveniente da dificuldade que há em registrar e medir dados que por serem internos não são observáveis nem analisáveis diretamente.

Dentro desta última corrente, é comum considerar a atitude como um processo formado por três componentes: o cognitivo, que inclui as percepções, crenças

e estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo, relacionado a emoções e sentimentos, e o comportamental, que se descreve como a tendência a agir e reagir de certa maneira com relação ao objeto (Morales, 1993:233). Cargile *et al.* seguem este modelo e explicam que *attitudes are cognitive because they entail beliefs about the world (...). Attitudes are affective because they involve feelings towards an attitude object (...). And lastly, attitudes are behavioural because they encourage certain actions* (1994:221).

4.1.2. Abrangência

Para Saville-Troike (1989:181), os estudos de atitude lingüística se subdividem em três grupos: a) os que exploram atitudes gerais com relação às línguas e habilidades lingüísticas; b) os que investigam impressões estereotipadas sobre a língua e seus falantes, e c) os que se ocupam de questões como escolha e uso de uma língua e aprendizado de línguas. Complementarmente, Fasold (1984:148-9) cita alguns fenômenos que podem ser influenciados pelas atitudes lingüísticas: o processo de mudança lingüística, promovida ou impedida dependendo do quanto a comunidade favorece ou desfavorece a mudança; a própria definição de comunidade de fala; o modo como professores lidam com alunos; a aprendizagem de uma língua estrangeira; além de exercer possível efeito em relação à inteligibilidade de uma variedade lingüística. Tomando, pois, como verdadeiras tais conexões entre as atitudes e determinados fatores sociais é que o estudo das atitudes lingüísticas passa a assumir um papel de destaque no interesse dos estudos sociolingüísticos.

As atitudes lingüísticas podem, portanto, dizer muito sobre as relações sociais que se estabelecem entre os grupos, além de desempenharem papel fundamental no processo de variação e mudança lingüística. Sobre este aspecto, Fernández (1998:179) argumenta que

Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.

Em consonância, Thomason (2001:14) defende que *the attitudes of an endangered language's speakers are the most important factor in determining the success of efforts to preserve the language*. Segundo a autora, falantes de uma língua em processo de extinção podem contar com programas desenvolvidos por lingüistas e também com apoio institucional e do governo para evitar o desaparecimento da língua, mas, apesar disso, o comprometimento dos falantes com a manutenção da língua da comunidade é o principal fator para o sucesso de sua preservação. Atitudes favoráveis à língua impulsionam o uso e a preservação da mesma, já atitudes negativas favorecem o seu desaparecimento.

Faz-se, ainda, essencial destacar aquilo que, além de já ser consenso entre os sociolingüistas, é de fundamental importância para o entendimento deste processo: a relação intrínseca entre as atitudes lingüísticas e os fatores não-lingüísticos. Labov (1977:251), por exemplo, defende que *if a certain group of speakers*

uses a particular variant, then the social values attributed to that group will be transferred to that variant. Em consonância, Holmes (2001:343) sustenta que *people generally do not hold opinions about languages in a vacuum. They develop attitudes towards languages which reflect their views about those who speak the languages, and the context and functions with which they are associated.*

Nesse sentido, podemos considerar que as estruturas sociais influenciam as atitudes manifestadas por um grupo de falantes em relação a outro, afinal as atitudes são resultados de e/ou são moldadas por fatores políticos e históricos. Assim, a língua pode ser usada como um artifício de discriminação e controle, categorizando as pessoas e colocando-as e/ou mantendo-as em determinados lugares sociais (SAVILLE-TROIKE, 1989:182).

4.1.3. Métodos

Grande parte dos estudos sobre atitudes lingüísticas baseia-se no método conhecido como *matched-guise technique* criado na década de sessenta por Wallace Lambert. Tal técnica utiliza leituras de textos realizadas por falantes bilíngües em cada uma das línguas que se pretende estudar; estas leituras são gravadas e mais tarde avaliadas pelos “juízes” sem que eles saibam que se trata de um mesmo falante. Após a audição das fitas, os juízes devem atribuir certas características aos falantes que acabam de ser ouvidos na gravação, tomando como base uma lista de adjetivos

‘polares’, como “bom – ruim”, “simpático – antipático”, “agradável – desagradável”, “bem-sucedido – mal-sucedido” e assim por diante.

De acordo com Lambert (1972:337), esta técnica *appears to reveal judge’s more private reactions to the contrasting group than direct attitude questionnaires do*. Ele não deixa de observar, no entanto, que a técnica apresenta algumas limitações para a obtenção de resultados confiáveis e que muita pesquisa seria ainda necessária para que se pudesse ter uma noção adequada de sua eficiência. De fato, muitos estudiosos da sociolingüística criticam este método, principalmente por limitar as opiniões dos informantes através de uma lista reduzida de características extremas que possivelmente poderiam ser atribuídas aos falantes de determinada língua e por induzir o informante a um posicionamento.

Há, sem dúvida, outros métodos utilizados na pesquisa sobre atitudes lingüísticas. Dentre eles, entrevistas e aplicações de questionários têm sido bastante recorrentes na metodologia adotada pelos investigadores.

Os métodos de pesquisa das atitudes lingüísticas podem ser divididos em duas categorias, a dos métodos diretos e a dos métodos indiretos. Enquadram-se no que os autores têm chamado de método indireto de pesquisa aqueles estudos cujos objetivos são desconhecidos pelos informantes (cf. Fernández, 1998:187). Por outro lado, compõem o método direto de pesquisa aqueles cuja metodologia, como bem explicam Cargile *et al.*, *involves openly asking people what their attitudes are about various language behaviours* (1994:212).

A esse respeito, Saville-Troike (1989:183/4) argumenta que, embora os estudos quantitativos (método indireto) sejam importantes para a identificação de padrões, a pesquisa qualitativa (método direto) é indispensável para que as conclusões possam ser validadas. Assim, ele sugere que o método ideal seja aquele em que haja uma integração de ambos os procedimentos.

4.2. Identidade Lingüística

Considerações muito interessantes sobre identidade (em um primeiro momento não lingüística, mas sim entendida em um sentido mais amplo) são feitas por Silva (2000). O autor relaciona ao conceito de identidade o conceito de diferença, defendendo serem estes dois conceitos mutuamente determinados, na medida em que ser algo corresponde a não ser ou a distinguir-se de tudo o que se contrapõe àquilo. Em nosso caso, dizer, por exemplo, “eu sou brasileiro” pressupõe uma negação, ou uma diferenciação, do outro: “não sou argentino”. Enfim, como afirma Silva, *a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)* (2000:79). É relevante apontar, ainda, que existe nessa relação entre identidade e diferença uma “oposição binária”, isto é, enquanto um dos termos é prestigiado, valorizado, o outro, ao contrário, é negado, desprestigiado.

Ainda de acordo com Silva, vale destacar que a identidade (bem como a diferença) é o resultado de um processo que se dá cultural e socialmente. Sendo assim,

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (2000:76).

Isso significa dizer que a identidade não é estável, coerente, unificada, permanente, definitiva, mas sim, instável, contraditória, inconsistente, inacabada.

A relação entre identidade, diferença e poder é, também, um ponto central na discussão feita por este autor. Há pressões sociais que promovem a identificação ou diferenciação dos grupos, o que está diretamente relacionado à intenção de propiciar ou manter a dominação de certos grupos frente a outros. Identidade e diferença estão longe de ser, portanto, *simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas.* Ao que podemos acrescentar que *o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes* (2000:81). Este é, aliás, um ponto consensual entre os autores que discutem a questão da identidade e está presente também na fala de Rajagopalan para quem *a própria questão da identidade está ligada à idéia de interesses e está investida de ideologia. Assim, a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica* (1998:42).

Cabe relacionar ao que expomos acima a afirmação de Mey (1998:87-88) de que *dependendo de suas posições nos processos da sociedade, as pessoas 'modernas' podem ter identidades distintas e, algumas vezes, conflitantes.* Especificamente com relação ao presente estudo notamos, por exemplo, que os informantes manifestam uma identificação com a “Tríplice Fronteira”, o que equivale a dizer que se reconhecem – brasileiros e argentinos – como um mesmo grupo, sem distinção. Em outros momentos, contudo, eles produzem comentários relacionados a “minha cidade” ou “meu país”, mostrando, assim, uma evidente diferenciação para com o outro. O que percebemos é que a primeira afirmação está diretamente relacionada ao apego à realidade sócio-geográfica local como objeto de orgulho, por sua singularidade, bem como ao desejo de promover e/ou desenvolver o turismo na região, que se pauta, principalmente, nesta peculiaridade, que é social, geográfica e cultural. Este processo de identidade está, pois, claramente vinculado a uma relação de poder, tal como defendido por Silva.

Sobre o processo de identidade lingüística – que caminha lado a lado com a identidade social –, Kramsch diz que

it is widely believed that there is a natural connection between the language spoken by members of a social group and the group's identity. By their accent, their vocabulary, their discourse patterns, speakers identify themselves and are identified as members of this or that speech and discourse community. From this membership, they draw personal strength and pride, as well as a sense of social importance and historical continuity from using the same language as the group they belong to (2003:65-66).

O fenômeno das atitudes lingüísticas está bastante relacionado ao conceito de identidade de um grupo. Em Fernández (1998:180), por exemplo, encontramos a seguinte afirmação: *puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios*. Desse modo, a partir da observação das atitudes manifestadas por um grupo em relação à fala do outro, faz-se possível analisar se há ou não uma relação de identidade – lingüística e social – entre eles. Inversamente, a identidade expressa ou não por um grupo em relação a outro pode também influenciar as atitudes manifestadas.

Cargiles e Giles (1997), por exemplo, desenvolveram um estudo visando a buscar indícios que pudessem explicar o papel que as emoções dos falantes e sua identidade social desempenham no processo das atitudes lingüísticas. Esta pesquisa investigou a avaliação de universitários americanos frente a estímulos de fala produzidos por um único falante ora usando inglês padrão ora falando com forte (ou moderado) sotaque japonês, além de considerar duas mensagens com conteúdos diversos: uma neutra e outra com críticas explícitas ao sistema de comércio americano. O estudo levou a duas conclusões bastante significativas. A primeira é que diferenças no sotaque do falante e na mensagem transmitida por ele geram diferentes emoções que, por sua vez, conduzem o ouvinte a avaliações diversas. Conseqüentemente, as reações dos sujeitos ao ouvir o sotaque americano foram mais positivas do que em contato com as variedades do sotaque japonês. A segunda conclusão é que a identidade influencia as avaliações de membros de outro grupo, principalmente quando

a mensagem transmitida por eles agride ou critica o grupo com o qual o falante se identifica. Assim,

social identities were found to influence evaluations only under conditions in which those identities were challenged (...), the voice of an out-group speaker alone was not enough to trigger the involvement of listeners' identities in the process. Instead, differently-accented voices also needed to deliver an aggressive message in order for social identities to make a difference in listeners' evaluations of the speaker (1997:213).

É justamente a análise e compreensão desta relação entre identidade e atitude – tanto lingüísticas quanto sociais – que tivemos em mente ao desenvolver nossa pesquisa.

4.3. Alguns Estudos sobre Atitudes Lingüísticas no Brasil

Embora muita atenção tenha sido dada às atitudes lingüísticas por estudiosos americanos e europeus há anos¹, no Brasil as pesquisas nessa área estão ainda se iniciando. É possível, porém, citar alguns bons trabalhos que já foram realizados por pesquisadores brasileiros.

Alves (1979), em sua dissertação de mestrado, “Atitudes Lingüísticas de Nordestinos em São Paulo”, investiga as atitudes manifestadas por pernambucanos e baianos que migraram para a capital paulista – seja em busca de condições básicas

de sobrevivência, seja com o objetivo de continuar os estudos e se especializar – frente à variedade lingüística paulista e à sua variedade lingüística nativa.

Considerando, pois, dois níveis sociais (A, formado por sujeitos oriundos de classe sócio-econômica-cultural mais alta, e B, constituído por nordestinos vindos de classe sócio-econômico-cultural mais baixa), a autora parte da hipótese de que os nordestinos vindos de classes sociais mais baixas manifestar-se-iam mais positivamente em relação à variedade lingüística de São Paulo do que aqueles provenientes de classes sociais mais altas, que por sua vez, valorizariam mais as variedades lingüísticas de seu estado de origem.

Para a coleta de dados, Alves entrevistou 116 nordestinos, todos do sexo masculino, com idade entre 18 e 45 anos, utilizando-se de dois recursos: aplicação de um questionário formado por perguntas diretas e a posterior avaliação das atitudes manifestadas frente a estímulos de fala gravada, que foram previamente coletados e organizados de modo a servir aos objetivos da pesquisadora. Tais estímulos foram compostos por trechos de fala produzidos por falantes das variedades de São Paulo, Bahia e Pernambuco, em todos os casos, da capital e do interior.

Sumariamente, destacamos, em seguida, os pontos da análise que mais nos chamaram a atenção, sendo justamente aqueles que comprovam a hipótese inicial.

¹ Além dos estudos que já foram citados ao longo da dissertação, destacamos os de Côté & Clément, 1994, Levin *et al.*, 1994, Garret *et al.*, 1999 e Lindemann, 2002.

Os informantes de nível A privilegiam mais a sua variedade lingüística original, evidenciando, dessa forma, uma fidelidade que, se associada a fatores sociais, leva a crer que estes informantes, *em decorrência de não terem sofrido pressões econômicas violentas conseguem dissociar o falar dos problemas que a região enfrenta, passando a ser a fala um processo de representação social onde “bonito” e “agradável” passam a ser um sinal de valorização da própria identidade* (1979:124).

Já os informantes de nível B manifestam, de maneira geral (embora com certa discrepância entre os resultados obtidos na ausência e na presença de estímulos de fala), atitudes positivas com relação ao falar paulista e demonstram, o que é mais revelador, o desejo de falar como os paulistas, já que esta variedade seria mais “bonita”, “correta” e “adiantada” que a sua de origem. De acordo com a autora, o anseio pela mudança lingüística tem a ver com a tentativa de ocultar sua origem dialetal e, assim, obter a aceitação dos paulistas. Alves acrescenta que

A tendência dos nordestinos de nível (B) de prestigiarem mais as variedades lingüísticas de São Paulo, em detrimento das variedades lingüísticas da sua região de origem, se justifica na medida em que estas os remete praticamente a uma mesma realidade social, da qual querem a todo custo se descartar (1979:161).

Ramos (1998), em artigo intitulado “Atitudes Lingüísticas de Falantes da Cidade de João Pessoa”, analisa, tomando como base o *corpus* de entrevistas feitas para o Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), as atitudes lingüísticas de falantes pessoenses sobre a sua própria fala e sobre a fala de outros brasileiros. Através de perguntas como “o que você acha da sua forma de falar?”, “o

que você mudaria no seu modo de falar?” e “para você o que é falar correto?”, entre outras, Ramos pôde traçar um perfil das atitudes lingüísticas dos falantes pessoenses.

A autora concluiu que os informantes: i) apresentam uma significativa consciência da variação lingüística regional; ii) identificam-se com a forma de falar local; iii) consideram “falar bem” como empregar adequadamente as normas gramaticais, o que, segundo a autora, *viabiliza a proximidade com a língua escrita culta, na qual se pauta a variedade de prestígio* (1998:353); iv) apresentam-se insatisfeitos com relação à sua própria forma de falar e v) reconhecem a relação entre nível de instrução e variedade lingüística adotada, tanto que *os informantes com pouca instrução apontam a escola como meio de ‘melhorar’ a sua forma de falar* (1998:353).

Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Atitudes Sociolingüísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório”, Bisinoto (2000) investiga se e como a realidade social local – pelo fato de Cáceres ter sido “invadida” por imigrantes oriundos de diversos estados do país, atraídos pelas facilidades e incentivos proporcionados pelo governo federal na tentativa de promover a ocupação daquele território, antes habitado apenas por índios e pela população tradicional – estaria propiciando o desaparecimento dos traços lingüísticos característicos dos cacerenses. Dentre estes traços, os mais significativos para a pesquisa eram a indiferença à propriedade do gênero (“Eu vou na casa do mamãe” / “A casa tá limpo”) e a troca de ditongos por vogais nasais e reciprocamente (“coraçõn” / “amanhãõ”).

Trabalhando com informantes subdivididos em dois grandes grupos, a saber, 1) profissionais da língua portuguesa, dentre os quais havia professores de

língua portuguesa, professores de outras disciplinas, advogados e jornalistas/radialistas e 2) não-profissionais da língua portuguesa, entre eles escolarizados e não-escolarizados, e considerando para cada grupo um mesmo número de nativos e de imigrantes, a autora abordou, em entrevista a partir de um questionário aberto, pontos como a avaliação do processo migratório, o reconhecimento da variedade local, de outras variedades, do processo de mudança lingüística e de aspectos culturais e étnicos, e a atitude de representantes de ambos os grupos (nativos e imigrantes) sobre sua fala e a fala do outro.

Dentre os resultados discutidos por Bisinoto, destacamos que todos os informantes, tanto nativos quanto imigrantes, apresentam consciência de um falar característico de Cáceres e demonstram o desprestígio atribuído a tal variedade. Outro ponto que nos chama a atenção é a evidência de que o desaparecimento da variedade local, cujo uso é mais percebido entre os idosos, é favorecido pelas atitudes negativas manifestadas tanto por imigrantes quanto por nativos. Os imigrantes demonstram o estigma sofrido pelo falar local quando deboçam do cacerense pelo seu jeito de falar e impõem uma “cultura de fora” – hábito detectado, principalmente, entre os professores, que “corrigem” o estudante nativo de Cáceres; já os nativos rejeitam, sua própria variedade lingüística, sentem vergonha de usá-la e, não raras vezes, “corrigem” tais traços na fala dos filhos. É exatamente esta relação que a autora descreve em um dos parágrafos de suas considerações finais e que transcrevemos aqui:

a variedade lingüística local é estigmatizada socialmente e as formas lingüísticas estereotipadas evidenciam o enfraquecimento e prenunciam um possível desaparecimento do falar nativo. Entretanto, vale lembrar que a estigmatização da linguagem não é uma prática unilateral como se suspeitava, ou seja, não se restringe às atitudes preconceituosas

dos imigrantes. Ela é patente na auto-rejeição do nativo quando nega a sua origem, recusa-se a admitir as diferenças, envergonha-se de seu falar. O nativo internaliza (ou dissimula perante o) estigma manifestado pelo imigrante, reproduzindo-o. O que difere essencialmente essas atitudes é a sua motivação. As razões que induzem o comportamento e as reações do imigrante são muito diversas das que orientam os interesses e a conduta dos nativos (2000:103).

Em artigo intitulado “Atitudes Lingüísticas de Falantes Bilíngües”, Confortin (2001) trata das atitudes que falantes bilíngües (de português e italiano, português e alemão e português e polonês), provenientes de micro comunidades no Rio Grande do Sul formadas por imigrantes italianos, alemães e poloneses, manifestam em relação às duas línguas e culturas, bem como seu comportamento em seis diferentes situações lingüísticas: individual, familiar, profissional, cultural, social e pessoal emotiva. A partir de uma pesquisa de cunho sócio-etnolingüístico, como caracteriza a autora, foi possível identificar, entre outros aspectos, elementos relacionados às atitudes manifestas pelos falantes sobre uma língua ou outra.

O estudo de Confortin identificou três atitudes diversas com relação às duas línguas e culturas. A primeira delas é uma atitude *de apego à língua materna, um sentimento de orgulho por tudo o que se relaciona à etnia*, sem que isso signifique uma rejeição à cultura brasileira. A segunda é uma atitude *de adoção, sem restrições, da cultura e da língua brasileira*, atitude esta que *parece vir acompanhada de um sentimento de inferioridade pela cultura materna, que se manifesta em atitudes como não querer falar a língua materna, em disfarçar a própria identidade étnico-cultural*. A última delas é manifestada pelo bilíngüe que *busca conservar o que pode dos valores*

da cultura materna, ao mesmo tempo em que cultua a língua e a cultura brasileiras (2001:130).

A autora acrescenta que

Além da identificação dessas atitudes e apesar da heterogeneidade dos informantes, foram identificadas atitudes constantes em todos os bilíngües quanto aos dois sistemas lingüísticos: lealdade à língua e à cultura maternas manifesta no desejo de que a língua de cada etnia seja ensinada nas escolas como disciplina obrigatória e de que sejam incentivadas e divulgadas atividades que visem a resgatar e tornar conhecidos aspectos relativos à cultura étnica do italiano, do alemão e do polonês (2001:131).

Há também a dissertação de mestrado de Barbosa – “Brasilenses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística” (2002) – na qual são discutidas as atitudes lingüísticas manifestadas por brasilienses em relação aos diversos dialetos regionais que constituem a realidade multidialetal de Brasília. Os sotaques positivamente avaliados pelos seus informantes foram o gaúcho, mineiro, paulista da capital, baiano, maranhense, brasiliense e paraense (apontado por um só informante); negativamente foram avaliados o sotaque goiano, carioca, e também o do sul, o mineiro e o paulista. É interessante notar que, embora grande parte dos informantes sejam filhos de pais nordestinos, apenas o sotaque baiano foi citado quando perguntados sobre que sotaques regionais eles adotariam em sua própria fala. Isso reflete a visão, porque não dizer, nacional que se tem da fala nordestina e do nordeste em geral como desprestigiado e culturalmente inferior ao restante do país.

Além disso, Barbosa analisa o mito do “não-sotaque” presente no discurso brasiliense, o que reflete uma idéia desprestigiada em relação à noção de

sotaque e, também, a busca por uma variedade lingüística de prestígio, que condiga com uma capital nacional. Assim, ao caracterizarem a fala de sua comunidade, os informantes o fizeram mais em oposição a outros falares que em relação a possíveis traços percebidos entre eles, reforçando a idéia do não-sotaque. Isso leva a crer que o mito da ausência de sotaque em Brasília tem uma importância muito grande no processo de identificação lingüística daquele grupo. Tendo em vista a realidade lingüística e social vivenciada por eles (por ser uma cidade formada por migrantes vindos das mais diversas regiões do país), os brasilienses se vêem diante de uma questão problemática: como reforçar sua condição de grupo (lingüístico e social) em oposição a uma mera mistura de representantes de grupos diversos? Dessa forma, é em oposição a outros falares, apontando a diferenciação entre o dialeto brasiliense e os outros sotaques brasileiros que se constrói a identidade lingüística daquela comunidade.

Por fim, Mello, no artigo “Atitudes lingüísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás” (2003), investiga as atitudes lingüísticas manifestadas por adolescentes bilíngües nascidos no Brasil com relação às línguas que falam, o português e o inglês. Os sujeitos da pesquisa são filhos de casais americanos, canadenses ou interétnicos, moradores de uma comunidade situada na região sudoeste de Goiás.

Os dados coletados por Mello permitiram comprovar que o inglês é a língua que predomina dentro da comunidade e, além disso, é uma língua de prestígio, o *que atribui aos seus falantes um grande valor social* (2003:95). As conclusões evidenciam o predomínio da língua inglesa na maior parte das interações que ocorrem

dentro da comunidade, ao passo que nas interações externas o português é predominante. O inglês é, ainda, *a língua dominante e de preferência destes adolescentes*, sem que, no entanto, deixem de demonstrar *sentimentos de identificação com o país onde nasceram e vivem* (2003:103).

Como fatores que contribuem para a manutenção da língua inglesa na comunidade, a autora cita os seguintes:

os sentimentos de etnicidade em relação à cultura norte-americana, o fechamento do grupo, o distanciamento social, a política educacional, o status do inglês perante o mundo e a comunidade local, o vínculo com as pessoas e o país de origem, o número reduzido de casamentos interétnicos, a atitude positiva das pessoas em relação ao inglês e aos seus falantes (2003:105/106).

Com a nossa pesquisa, pretendemos oferecer aos interessados nessa discussão mais um conjunto de dados e análises que se somará aos citados acima, contribuindo, assim, para o avanço dos estudos sobre atitudes lingüísticas no Brasil, que é um campo extremamente rico para as pesquisas nessa área e, ainda, pouco explorado.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

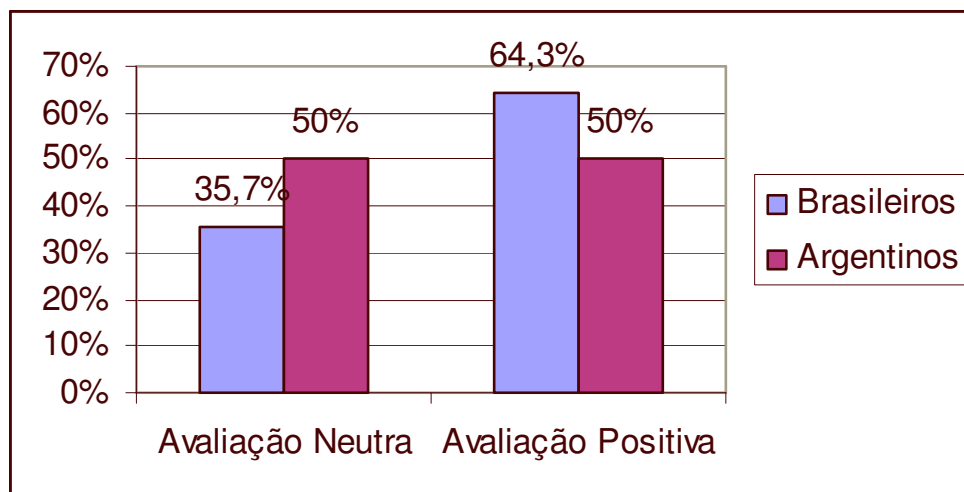
5.1. Atitudes Sociolingüísticas: Avaliando as Cidades Trigêmeas

A primeira pergunta dirigida aos informantes abordou de forma direta suas avaliações a respeito da realidade sócio-geográfica em que se encontram. Não houve uma única avaliação negativa a esse respeito, entretanto, houve uma diferenciação no modo como se expressaram em relação ao tópico: 40% do total de informantes manifestou-se de forma neutra sobre as Cidades Trigêmeas, ao passo que 60% deles expressou-se de maneira explicitamente positiva, utilizando-se de adjetivos como “bom, muito bom, interessante, legal, impressionante e único”, entre outros, para demonstrar a maneira como se sentiam em relação ao encontro das cidades divididas por uma fronteira seca. “Isso é impressionante, porque eu acho que a única Tríplice Fronteira seca no mundo é aqui. E isso é bom” (BM15) é um exemplo de resposta que classificamos como explicitamente positiva, enquanto respostas do tipo “na verdade, pra mim é o mesmo lugar. Não tem diferença Dionísio Cerqueira, Barracão e Argentina” (BF17) foram classificadas como neutras.

Ao contrastar os dados obtidos entre os informantes brasileiros e os argentinos, chegamos ao gráfico abaixo, que demonstra, entre os brasileiros, uma porcentagem maior de avaliações positivas, ao passo que os dados recolhidos entre os argentinos foram mais homogêneos.

Gráfico 1

Avaliação dos informantes brasileiros e argentinos sobre a “Tríplice Fronteira”



Os dados dispostos no gráfico revelam que, desde essa primeira questão, os argentinos se mostram mais neutros e passivos em suas avaliações do que os brasileiros, que, por sua vez, tendem a avaliar mais abertamente os pontos mencionados na pesquisa. Mais do que isso, contudo, os dados reafirmam as manifestações positivas com relação às Cidades Trigêmeas observadas nos documentos, panfletos e recortes de jornal apresentados no capítulo 2. Em consonância com eles, demonstra o apego a um pré-dito referente à “Tríplice Fronteira” que tem a ver com a identidade fronteiriça da qual os representantes da comunidade já nascem fazendo parte. Não há, portanto, nenhum caráter de novidade no fato de avaliarem positivamente a “Tríplice Fronteira”. Isso só mostra que estão de acordo com (e reproduzem) o já-dito presente na comunidade, segundo o qual as Cidades Trigêmeas constituem uma realidade única e, por isso, digna de orgulho e apreço. Isso não significa, todavia, que as atitudes manifestadas sejam invariavelmente positivas.

O primeiro indício deste contraste pôde ser percebido logo no início dos inquéritos. Nos casos em que a pergunta “o que você acha disso?” não foi muito produtiva, ela foi substituída – ou apenas seguida – por “você acha que essas três cidades são como se fossem uma só?”. E nesse caso, obtivemos manifestações contrárias à unicidade defendida pelos grupos. Todas as respostas contrárias registradas (correspondentes a 35,7% das entrevistas com brasileiros) são apresentadas abaixo:

- “Ah, eu acho que não é uma cidade só. Tem a fronteira com a Argentina, que já é outro país estrangeiro, eu não acho que seja uma cidade só”. (BF19)
- “Eu acho que não. Por que a Argentina é país, já é bem diferente, e cidades assim como Dionísio já pertence a outro estado, Santa Catarina, e Barracão é Paraná, então acho que não. Sei lá, não significa chamar assim Trigêmeas porque não são a mesma, não é uma cidade só mesmo”. (BF22)
- “Percebe-se uma divisão entre as cidades e até dos países assim, que tem Bernardo de Irigoyen e Barracão e Dionísio. Mas referente às cidades, Dionísio e Barracão, são todas mesma coisa assim, todas do mesmo jeito”. (BM17)
- “Ah, são diferentes sim. De Dionísio a Barracão tem muita diferença. E daí pra Argentina também é bastante”. (BM20)
- “Seria mais ou menos uma só, Barracão e Dionísio Cerqueira é tudo a mesma coisa, o que muda um pouco é a Argentina por causa da nacionalidade, as diferenças de tipo de criação, dos costumes”. (BM19.1)

Todas as citações acima enfatizam o caráter político de divisão de fronteiras. A percepção de que se trata de países, estados e cidades diferentes é, de fato, extremamente importante para a distinção estabelecida, principalmente, no âmbito dos países, distinção esta que caracteriza, pode-se dizer, uma grande contradição à irmandade anunciada e que será discutida adiante. De qualquer modo, este não é um dado revelador, ao contrário, é um dado já previsto e levado em consideração no

estabelecimento de critérios para a pesquisa. Porém, é interessante notar como os limites, embora não sejam explicitados geograficamente, estão presentes no imaginário dos moradores, que não se esquecem de suas origens e não se confundem com o grupo vizinho, embora, muitas vezes neguem a diferenciação. A palavra “fronteira”, por exemplo, foi recorrente durante as entrevistas, evidenciando consciência das delimitações e uma clara distinção entre os dois países, ainda que as fronteiras sejam apenas imaginárias e que a manutenção e reprodução do discurso oficial seja uma constante. O comentário seguinte exemplifica: “eu moro aqui do lado da fronteira, a minha casa fica do lado leste que já é Argentina” (BM17). Este tipo de observação não subentende, necessariamente, uma avaliação negativa, mas sugere um claro estabelecimento de limites entre brasileiros e argentinos.

Houve, ainda, casos em que logo após a afirmação de que as três cidades são como uma só, o mesmo informante demonstrou traços de diferenciação e rivalidade bastante claros. A primeira das citações abaixo é a resposta do informante BM24 à questão “você sente que é como se as cidades trigêmeas fossem uma cidade só?” e a segunda, à pergunta subsequente “você acha que existe algum tipo de rivalidade, algum tipo de desentendimento entre brasileiros e argentinos?”.

- “Eu acho normal. Argentina, Barracão, Dionísio, tudo uma mesma cidade, normal”.
- “Rivalidade? Na copa do mundo! Dá muita briga aqui, principalmente na fronteira quando é Brasil e Argentina é meio perigoso ali, até pra andar de carro. Os argentinos pra eles tacarem pedra, dão até tiro aqui em Dionísio. É perigoso” .

O mesmo acontece com as citações abaixo, da informante BF17:

•“Na verdade, pra mim é o mesmo lugar. Não tem diferença Dionísio Cerqueira, Barracão e Argentina”.

•“Existe. Na verdade pra mim é um racismo. Porque eles não entendem a diferença de um e de outro, e não entendem que a gente depende um do outro pra sobreviver”.

O contraste entre as primeiras e as segundas afirmações em ambos os casos é gritante, afinal “rivalidade” e “racismo” são expressões que estão em total desacordo com a harmonia e irmandade defendidas ao afirmarem não haver diferenças entre Barracão, Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen. Fica evidente, portanto, que, apesar de o maior atrativo das Cidades Trigêmeas ser a integração entre as três cidades e os dois países e apesar das tentativas de apresentar-se como “irmãos” e “iguais”, há, definitivamente, uma grande rivalidade entre brasileiros e argentinos e, embora alguns informantes neguem, muitos outros declaram isso abertamente:

• “porque eu não gosto muito deles” (BF20)

• “um homem brasileiro não namora com uma castelhana, já os castelhanos namoram com brasileiras, e tu não vai numa festa e tem um castelhana e um brasileiro conversando, sendo amigos, no máximo ‘oi’ e ‘tchau’, agora amigos não existe. Aqui é brasileiro, aqui é argentino” (BF20)

• “eu não tenho nada contra, mas sinceramente, os brasileiros odeiam os castelhanos; odeiam de verdade assim, o pessoal daqui não gostam dos castelhanos. São poucos os que gostam dos castelhanos” (BF34)

• “principalmente, nós os brasileiros, até a gente tem o costume de quando acontece alguma coisa errada, ‘tinha que ser coisa de castelhana mesmo’, ‘parece castelhana’, ‘mas se é castelhana tem que matar’, sabe, a gente cria essa rivalidade porque existe isso até pelo jeito que os castelhanos são. E no futebol então nem se fala. Quando tem jogo do Brasil contra a Argentina é uma rivalidade só. Tanto nós aqui como eles lá. Quem perdeu que feche as portas, porque é foguete a noite inteira” (BF34)

• “Pra mim não tem [rivalidade], mas muita gente que eu ouço falar, que falam mal do povo de lá, e lá falam mal daqui. Por mim não teria, mais pelo que eu posso ver e o que eu já ouvi falar é que tem” (BM19)

- "são acostumados a chamar, o pessoal assim, 'ah esses castelhanos não valem nada!', tipo agressões assim verbalmente se ouve bastante entre grupos assim" (BM19)
- "Tipo, passa uma pessoa e eles falam: 'filho da mãe', ficam agredindo verbalmente assim: 'não presta', 'não deveria estar do lado de cá', ficam ofendendo assim quem tá passando ali" (BM19)
- "uma das rivalidades, onde tem mais briga, é quando fazem jogos de futebol, aí é onde mais há briga, quase sempre tem assim argentino que não gosta de brasileiro, brasileiro que não gosta de argentino, sempre tem isso" (AF16.1)
- "a maioria dos brasileiros não gosta muito dos argentinos" (BF19)
- "Eles não gostam mesmo dos brasileiros e não adianta" (BM24)
- "Sempre tem alguma coisa: 'ah esse brasileiro de merda' ou os brasileiros: 'argentino, não gosto do argentino porque isso porque aquilo', sempre tem uma rivalidade por algum motivo; 'não gosto do argentino, porque isso porque aquilo', 'não gosto do brasileiro porque eles são assim, assim', entende? (AF16)

Ao contabilizar os dados obtidos com a pergunta "você acha que existe algum tipo de rivalidade / desentendimento entre os moradores daqui?", observamos que 75% dos informantes (considerando o número total, ou seja, brasileiros e argentinos) responderam que "sim", acrescentando que esta rivalidade pode se dar ou no relacionamento cotidiano ou em áreas específicas, como no futebol ou nas relações comerciais. Dentre a minoria de 25%, correspondente a cinco informantes, que respondeu negativamente à pergunta, dois mostraram-se pouco enfáticos: a informante BF16 disse não haver rivalidade no relacionamento entre brasileiros e argentinos, mas sim no que se refere ao futebol, ao passo que, de acordo com a informante BF19, "agora" não há mais rivalidades, porém "antes" havia. E mesmo entre aqueles que foram categóricos ao negar qualquer tipo de rivalidade nesta questão, apresentaram, no decorrer na entrevista, informações que revelam traços de rivalidade entre os grupos. É o caso do informante BM20 que, após defender que não há rivalidades nem

desentendimentos entre brasileiros e argentinos, declarou que “no comércio, quando eles vêm pra cá a gente trata eles super bem, só que a gente indo daqui pra lá, aí eles não tratam bem a gente, como eles são tratados aqui”, manifestando, assim, não só uma clara distinção entre os dois grupos, como também um descontentamento em relação ao tratamento recebido dos argentinos.

Lembremos que as atitudes não se criam por si só, mas, ao contrário, são construídas historicamente, ou seja, são elaboradas a partir de uma série de fatores que circundam o indivíduo: fatores políticos, econômicos, sociais, etc. Se retomarmos o conceito segundo o qual as atitudes são formadas por um componente cognitivo, um afetivo e um comportamental, veremos que nos dados mencionados acima fica evidente que a reação frente ao grupo oposto (a de rivalidade) é motivada tanto pelos esteriótipos aplicados ao outro quanto pelos sentimentos adquiridos e tudo isso foi moldado ao longo dos anos, sendo, portanto, o resultado de um processo histórico, político, cultural e social.

Os dados apresentados acima antecipam o que julgamos ser a questão central da discussão proposta neste trabalho: não a negação do discurso corrente de que as cidades são “irmãs”, mas sim a contradição que está por trás deste discurso. Antes, porém, de nos aprofundarmos nesta análise, apontaremos e discutiremos os dados referentes às atitudes dos informantes frente à língua e ao grupo vizinho.

5.2. Atitudes Sociolingüísticas: Avaliando a Língua do Outro

Antes de apresentarmos as discussões sobre este tópico, julgamos importante ressaltar que, no decorrer da pesquisa, alguns informantes afirmaram distinguir o “espanhol” do “castelhano” ou do “argentino”. Por exemplo: “o espanhol não seria a língua deles; o argentino falaria castelhano” (BM15), “eu acho que o espanhol deles não é bem um espanhol, é um argentino, eu não sei diferenciar o espanhol do argentino, mas não seria a língua espanhola, não seria o espanhol” (BM25) e “o argentino daqui da divisa ele não fala o espanhol ele fala o castelhano, eu fiz curso anos de espanhol, não tem nada a ver. (...) Então aqui se fala o castelhano e não o espanhol” (BF20). A partir destas manifestações, podemos perceber uma avaliação negativa do “castelhano”, que seria a língua dos argentinos, em oposição a uma maior conceituação do “espanhol”, língua dos espanhóis. Este dado é importante para podermos compreender a razão pela qual diversos informantes brasileiros, embora falem espanhol, recusem-se a usar este idioma nas interações com os vizinhos argentinos. Veremos isso adiante. Entretanto, tendo em vista que não há distinção conceitual entre o castelhano e o espanhol, não daremos maior atenção à diferenciação estabelecida pelos informantes supracitados.

A avaliação feita pelos brasileiros sobre o espanhol falado pelos vizinhos argentinos foi, em geral, positiva. Atitudes positivas em relação à língua podem ser exemplificadas pelos seguintes trechos: “o espanhol é mais cheio de ‘floreio’, mais bonita que o português” e “a própria fonética deles é mais interessante que a nossa”

(BF16), “eu acho lindo” e “a língua espanhola é muito importante” (BF19), “acho legal, adoro ouvir eles falar espanhol” (BF19.1), “eu acho legal o jeito que eles falam” (BF22), “eu acho interessante”, “eu acho bonito falar o espanhol” e “o espanhol é mais carinhoso” (BF34), “o castelhano é mais legal, a pronúncia deles é mais bonita” (BM15), “é legal” (BM17), “eu acho massa o espanhol” (BM19.1) e “quando usada corretamente ela é uma língua bonita” (BM25).

Entretanto, outras afirmações sobre o espanhol – muitas vezes, feitas pelos mesmos informantes – podem ser classificadas como negativas. É o que acontece quando se queixam porque os argentinos falam muito rápido, muito alto e/ou de forma enrolada, como podemos observar na seqüência: “Aqui na região eles falam que nem a gente fala, na mesma velocidade, só que eles falam um pouco mais alto que nós. Daí lá pra dentro eles falam mais rápido, mais corrido, parece que eles estão sempre atrasados pra alguma coisa que tem que falar correndo” (BF16), “eles falam muito enrolado, e, por eles falarem rápido, muitas vezes a gente não entende” (BF19), “fala muito rápido e alto, muito rápido que às vezes a gente tem que pedir pra eles falarem mais calmo pra gente entender, eles falam muito rápido” (BF20), “o tom que eles usam assim às vezes é bem forte assim, bem alto digamos assim, meio desagradável” (BF22), “dá pra dizer que eles estão resmungando, de tão rápido que eles falam” (BM15), “eles falam rápido demais, poucas coisas dá pra entender, mas muita coisa a gente não entende” e “parece que muitas vezes o som enrola, não sai aquele som normal que nem a gente fala (...) o espanhol quando ele fala ligeiro parece que ele come metade das palavras sabe, aí fica mais difícil de compreender” (BM19), “eu acho que eles falam enrolado” (BM20) e, por fim, “eles falam muito rápido” e “se

fosse só português nos três municípios eu acho que tava bom; espanhol é muito difícil de falar” (BM24).

É interessante perceber que, em alguns momentos, as mesmas queixas são feitas pelos argentinos em relação ao português. É o que mostram os seguintes trechos: “eu gosto, eu até gosto pela maneira de falar rápido, mas de vez em quando não entendo” (AF15), “eu acho que é fechado, a gente tem que prestar muita atenção quando vocês falam, e se nós não prestamos atenção no que vocês falam a gente não entende nada, vocês falam muito rápido, muito fechado” (AM16), “eles falam gritado, rápido” (AM16.1) e “fala rápido, tu tem que estar muito atento pra entender o que eles falam, e depende das pessoas eles falam muito baixo, tu tem que tá bem perto pra entender o que eles falam, e falam rápido, tem que estar atento” (AM17).

Embora grande parte de nossos informantes afirme gostar do espanhol e muitos deles saibam, de fato, falar essa língua, nas interações entre membros dos dois grupos, a língua dos argentinos fica relegada a segundo plano. Entre aqueles que afirmam não falar bem o espanhol, como a informante BF34 (“eu entendo bem, mas eu não falo muito bem”), a justificativa é a falta de prática (“na realidade, eu não pratico muito”), o que contrasta com a proximidade entre os grupos, que deveria favorecer o aprendizado da língua estrangeira. Assim, quando questionada sobre a razão pela qual não praticava a língua, a informante apresentou-nos uma resposta reveladora: “eu acho que é pela falta de interesse talvez (...), vou na Argentina abastecer, vou no mercado essas coisas, mas só falo o necessário, escuto mais do que falo. Talvez até por falta de vontade, de tempo talvez”.

Esta informante não é a única que, apesar de morar tão perto de argentinos e relacionar-se com eles, não utiliza o espanhol. A consequência disto é um quase abandono desta língua nas interações. Dessa forma, a maior parte das conversas são feitas ou em português ou em “portunhol”, segundo os próprios informantes. Foram diversos os comentários a esse respeito, tanto de brasileiros – “até os argentinos quando vem pra cá falam o português, e quando a gente vai pra lá eles falam o português” (BF19.1) – quanto de argentinos – “o brasileiro quase nunca consegue falar bem o espanhol, eles preferem que nós aprendemos o português, que eles falarem o espanhol com nós, sempre foi assim” (AM16.1) –, levando-nos a duas conclusões:

i) a recusa em falar o idioma dos vizinhos evidencia uma atitude negativa dos brasileiros frente a essa língua e, principalmente, frente aos falantes desta língua, o que se observa nos seguintes exemplos: “eu não me interesso muito pelo modo como eles falam, não tenho curiosidade” (BF16), “bastante vezes [conversei com argentinos], só que eu não me interesso por espanhol, (...) eu não consigo ter interesse em espanhol” (BM15) e “eles querem, eles exigem que o brasileiro fale o espanhol [referindo-se aos donos de estabelecimentos comerciais da região], mas eu de birra não falava o espanhol só porque eu não gosto. (...) eu sou uma que não falaria em espanhol com um castelhano” (BF20);

ii) parece haver uma tentativa de dominação e detenção do poder através da língua, uma vez que, ao estabelecer a língua mais forte, estabelece-se, também, o grupo mais forte, ou seja, à medida em que o idioma do outro não tem força, o outro passa a ser, conseqüentemente, o grupo mais fraco. É o que, aparentemente, já

acontece: “o argentino mesmo aqui perto eles falam tudo meio misturado com o português” (BM20), “o espanhol aqui, acho que não tem muita utilidade (...) porque ninguém usa quase” (BM20), “com esses daqui de Bernardo de Irigoyen a gente fala em português, porque daí eles entende” (BF20) e “a gente fala até em português com os argentinos, eles entendem melhor até. O espanhol até que eu falo de longe, aqui não, aqui a gente fala o português normal. Espanhol tu aprende, eles falam, tu entende, mas pode falar em português, eles vão entender a mesma coisa” (BM24).

O mesmo é apontado pelos informantes argentinos, numa constatação que vem acompanhada de insatisfações pelo fato de serem “obrigados” a falar português para que a interação com os brasileiros seja possível. Abaixo, destacamos algumas considerações dos informantes de Bernardo de Irigoyen a esse respeito:

- "os argentinos se esforçam para falar em português, querem aprender, têm vontade, mas os brasileiros eles não se esforçam, eles defendem a língua deles, e a gente trata de falar com as pessoas do Brasil, porque sempre a gente tem que tratar que eles entendam a nossa língua, tipo assim, eu não posso ir no Brasil e falar em espanhol, porque eu sei que não entendem, não sei se eles não querem entender ou não entendem nada e a gente trata de entender” (AF16)
- “como eu já sei falar mais ou menos o português, eu só falo em português, a gente do Brasil fala em português comigo” (AM16)
- “[os brasileiros] tão mais acostumado com o português, quando vem pra cá é só o português, aqui falam o português, espanhol é muito difícil” (AM17)
- “[os brasileiros] não falam a nossa [língua], sempre nós temos que trocar, pra fazer eles entender temos que dar o braço a torcer, falar o português” (AF16.1)
- “eles não falam o espanhol, daí eles falam o português comigo, eu falo no português com eles (...) os brasileiros falam a língua deles, o português, e somos nós quase sempre que falamos o português, acham mais difícil falar o espanhol do que o português” (AF16.1)
- “nós aqui falamos o português porque eles quase não compreendem nós, então aqui nós falamos o português pra ter melhor relação” (AM16.1)

A pouca importância dada ao estudo do espanhol pelos brasileiros não se restringe ao contexto que estamos abordando; é, ao contrário, um fenômeno muito mais abrangente e complexo que se justifica, sobretudo, pela “semelhança” entre as duas línguas.

Acreditamos que na região em questão a opção por não falar o espanhol não tem a ver propriamente com a rejeição da língua, mas sim com uma tentativa de preservação da individualidade do sujeito e com o apego ao seu país de origem, uma vez que a língua é um forte fator de identidade nacional.

Contraditoriamente ao grande desinteresse por parte dos brasileiros em utilizar o espanhol nas interações com os vizinhos argentinos, muitos deles concordam que esta é uma língua de grande importância para a região.

Ao serem perguntados qual das duas línguas poderia ser considerada mais importante para a “Tríplice Fronteira”, oito dos quatorze informantes brasileiros defenderam que o português seria mais importante que o espanhol, enquanto quatro optaram pela supremacia do espanhol e dois colocaram as duas línguas no mesmo patamar de importância. Todavia, quando questionados se aprender o espanhol seria importante para eles ou não, apenas um informante respondeu negativamente: “eu acho que não faz parte, não” (BM20). Dentre os outros treze informantes, muitos apontaram que a necessidade de aprender o espanhol está vinculada ao mercado de trabalho na região de fronteira: “eu acho muito importante o espanhol, porque a gente mora do lado da Argentina e sem o espanhol a gente não arruma nem um trabalho”

(BF19), “nessas lojas assim mais populares eles perguntam se tu sabe falar espanhol, se não sabe já é um critério a menos pra tu concorrer com outra pessoa” (BF20); outros destacaram a convivência com falantes desta língua para justificar a necessidade de aprendê-la: “às vezes você encontra alguma pessoa pedindo informação e você não entende o que ela quer, aí deixa a pessoa na mão; seria importante aprender” e “claro que se você soubesse o espanhol, por que aqui a maioria das pessoas não sabem, seria mais fácil pra se comunicar com o pessoal de lá” (BM19), “como é região de fronteira você tem que saber o espanhol, se você não souber duas línguas não tem como viver” (BM17), “como somos vizinhos, a gente deveria valorizar mais o espanhol também” (BF17), “eles vêm pra cá pra comprar no nosso comércio e era bom a gente saber se comunicar com eles. (...) Porque como a gente tá na fronteira, seria importante a gente falar as duas línguas, pra ter uma comunicação mais ampla, poder se expressar melhor com eles e eles conosco” (BF22); e houve, ainda, quem considerasse o aprendizado do espanhol tão importante quanto qualquer outra língua estrangeira: “é importante; qualquer língua estrangeira que você possa aprender é importante” (BF16).

O gráfico 2 ilustra, então, as respostas dos informantes brasileiros à pergunta “que língua é considerada mais importante aqui na ‘Tríplice Fronteira’: o português ou o castelhano?”, ao passo que o gráfico 3 demonstra a produtividade da questão “você considera importante saber falar essa o espanhol?”.

Gráfico 2

Que língua é considerada mais importante aqui na “Tríplice Fronteira”: o português ou o espanhol?

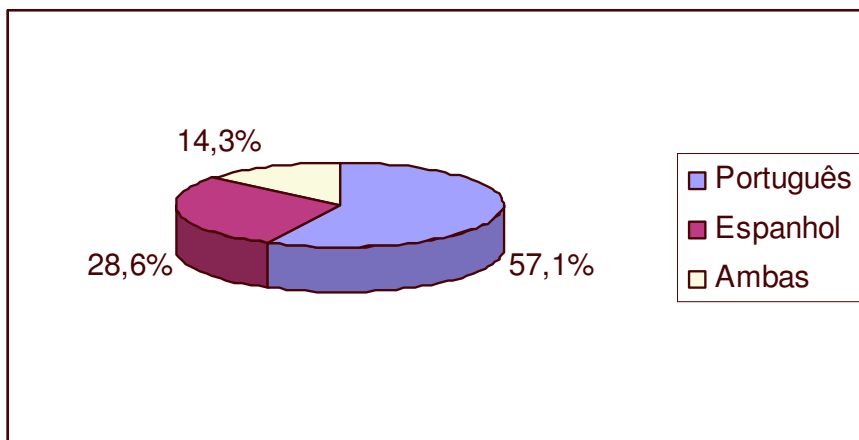
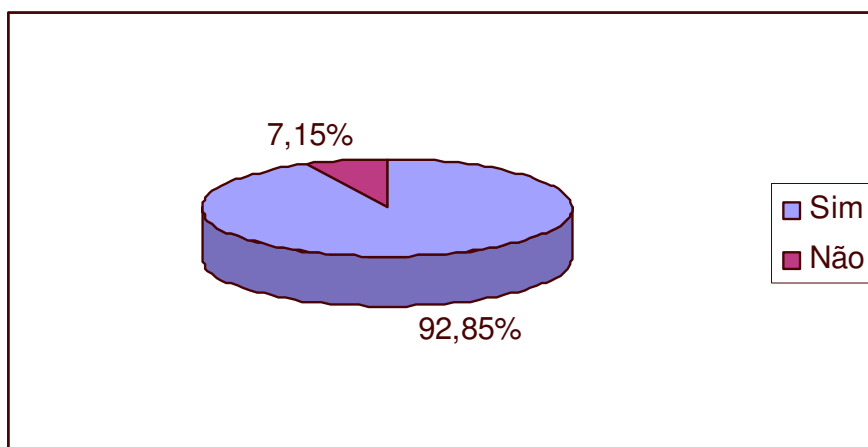


Gráfico 3

Você considera importante saber falar espanhol?



Em comparação com os brasileiros, os informantes argentinos parecem estar não só mais dispostos a utilizar a língua do outro grupo, como também a avaliá-la de forma positiva. Apenas dois destes informantes apontaram o espanhol como sendo a língua mais importante para a região, enquanto três disseram que a língua mais

importante seria o português e um colocou as duas línguas em um mesmo patamar de importância. Além disso, 100% destes informantes consideram importante aprender a língua portuguesa.

5.3. Atitudes Sociolingüísticas: Avaliando o Outro

Está claro, com base nos dados coletados, que os argentinos são alvo de atitudes explicitamente negativas por parte dos informantes brasileiros. As formas pejorativas mais comuns com as quais foram qualificados foram “preguiçosos”, “grossos”, “relaxados”, além de referências indiretas ao fato de serem “gulosos”, “anti-higiênicos” e “desorganizados”. Os exemplos abaixo demonstram:

- “Os argentinos são grossos com os brasileiros” (BF20)
- “São bastante preguiçosos” (BM19.1)
- “a gente sempre faz essas piadinhas, eu também faço essas piadinhas sabe, de ‘tem que ser castelhano’, ‘castelhano não presta’, ‘castelhano e fusca é a mesma coisa, por que os dois não tem muita serventia’, ‘ah isso come, come, come, daí eu vou morar na Argentina porque lá só gostam de comer mesmo, pesam cento e poucos quilos e não se importam muito pra roupa” (BF34)
- “Eu acho assim mais extravagantes, eu acho eles sem compromisso, eu acho eles divertidos, eu acho que eles não se preocupam com o amanhã. Eles comem bastante, eles se preocupam em comer hoje não se preocupam em comer amanhã, eu acho eles meio relaxados, não ligam pra usar um perfume mais cheirosinho” (BF34)
- “Eles falavam que castelhano não presta, que castelhano incomoda, castelhano rouba, que são relaxados, que nossa casa ia ficar imunda” [referindo-se a um grupo que viajaria em excursão com alguns argentinos] (BF34)

A avaliação negativa é, algumas vezes, percebida pelos próprios argentinos e foi mencionada por uma de nossas informantes: “teve um caso agora essa semana do grupo de teatro que me falaram que não gostam da Argentina, daí ficam falando, ficam criticando, (...) falando que os argentinos não prestam, que os argentinos são muito burros” (AF16.1).

Sem dúvida, houve avaliações positivas tanto dos brasileiros sobre os argentinos, quanto de argentinos sobre brasileiros. Contudo, os julgamentos destes últimos tendem a ser mais positivos do que o inverso. Contabilizamos, por exemplo, dezesseis avaliações positivas dos argentinos em relação aos brasileiros e ao Brasil, do tipo: “são muito boas pessoas” (AF15), “o brasileiro está todo dia bem apresentável, bem vestido”, “eu adoro o Brasil, eu gostaria de morar no Brasil, a cidade é limpa, o pessoal ajuda a manter a cidade (...) o brasileiro, ele é bem limpo, bem higiênico” (AF16), “os brasileiros são pessoas muito boas”, “o Brasil eu acho que é um bom país” (AM16), “os brasileiros são mais generosos”, “eles estão muito mais avançados [tecnologicamente]”, “pra mim é muito bom morar no Brasil; eu desejaria no futuro morar pra lá”, “todos eles são bons companheiros” e “são boas pessoas” (AM17). Nenhuma avaliação explicitamente negativa dos argentinos em relação aos brasileiros foi registrada.

Em contrapartida, quando invertemos os papéis e observamos as avaliações dos brasileiros em relação aos argentinos e ao que está relacionado ao seu país, contabilizamos um total de treze avaliações positivas – como: “os argentinos são muito cavalheiros”, “eu admiro a cultura deles” e “eles são mais educados que o povo brasileiro, são mais gentis” (BF16), “eles não são gente ruim” (BF19.1), “quando a gente

vai lá, tratam a gente bem” (BF22), “são gente boa sim” (BM17) e “eles são bem unidos, a cidade não é rica, mas ele é um povo unido” (BM25) – contra mais de vinte e cinco avaliações negativas, do tipo: “eles não pensam pra falar” e “não são exigentes como aqui, pensam mais em comer” (BF17), “o povo brasileiro é muito mais educado que o castelhano, tem muito argentino grosso”, “o jeito de se vestir do brasileiro é melhor que do argentino” e “aqui tem arrumação, ali é tudo jogado na rua” (BF19.1), “os argentinos são grossos com os brasileiros”, “eles são porco”, “eles são mais largadão” e “pra eles qualquer coisa tá bom” (BF20), “eles não dão muita importância assim pra higiene” (BF34) e “são bastante preguiçosos” (BM19.1).

Há um importante fator político-econômico que julgamos ter favorecido, ao menos em parte, tais manifestações: a infra-estrutura local. Bernardo de Irigoyen encontra-se em uma região pouco prestigiada da Argentina e está distante do desenvolvimento e requinte da capital Buenos Aires e de outras regiões mais favorecidas desse país. Já Barracão e Dionísio Cerqueira apresentam uma melhor infra-estrutura, ainda que também sejam municípios de pequeno porte. Logo, ao que parece, o estado mais rico e desenvolvido atrai avaliações mais positivas, ao contrário do estado menos favorecido, que, por sua vez, recebe avaliações mais negativas.

Adiante, na seção 5.5., serão apresentados ainda outros dados referentes à avaliação social dos grupos. A tabela disposta na página 86 mostra como brasileiros e argentinos são descritos e avaliados, de acordo com as entrevistas.

5.4. Identidade Lingüística

Em virtude dos dados apresentados na seção 5.2., relacionados à recusa do idioma espanhol por parte dos brasileiros, cremos que já não há dúvidas sobre a não-identidade lingüística entre os membros das cidades de Barracão e Dionísio Cerqueira e os argentinos. A fim de corroborar esta tese, porém, discutiremos a questão 17, que se mostrou muito produtiva. Nela, os informantes foram perguntados sobre como se sentiriam caso, após um acordo entre as prefeituras locais, a língua oficial da “Tríplice Fronteira” passasse a ser o espanhol.

Apenas dois dos quatorze informantes brasileiros disseram que ficariam satisfeitos e aceitariam tal imposição. Os outros doze mostraram-se energeticamente contrários a esta hipótese e justificaram-se de formas diversas: “eu ia ficar com raiva no começo porque imagina, você ter que aprender toda uma língua e esquecer, por que seria praticamente esquecer a língua que você fala desde criança pra aprender uma nova” (BF16), “horrrível, eu não concordaria em hipótese alguma (...) pra implantar o castelhano, aqui nenhum brasileiro aceitaria, por causa dessa discriminação que existe” (BF20), “é claro que não seria muito confortável, todo mundo ia falar: ‘porque aquela língua e não a nossa que a gente tá tão acostumado?’” (BF22), “eu ia ficar desapontado. Por que eu vou ter que falar só o castelhano? (...) até, se isso acontecer mesmo, é uma suposição, mas se acontecer eu ia até mudar de cidade, eu não ia ficar aqui. Eu não vou deixar de falar a língua que me ensinaram com dois anos de idade, pra começar a aprender uma agora com quinze e levar dez anos pra aprender certinho.

Não, seria perda de tempo isso” (BM15), “eu não iria aderir (...) por que eu acho que isso não é certo. O cara aprendeu o português a vida inteira depois vai aprender o espanhol e todos os verbos em espanhol, eu acho que não seria o certo” (BM19.1), “não ia gostar muito, porque eu por exemplo não entendo o espanhol, daí como é que eu ia me comunicar com as outras pessoas se eu não sei espanhol?” (BM20), “acho que não seria adotado (...) Se eu tivesse que morar lá e me adaptar aí tudo bem, aí seria uma outra situação, agora eu estando no Brasil e ter que me adaptar a falar outra língua, não aceitaria, de jeito nenhum” (BM25).

Houve, ainda, contra-argumentos no sentido de que, uma vez que o grupo de falantes da língua portuguesa é maior do que os que falam espanhol, o “justo” seria que a língua dos brasileiros fosse priorizada – “eu penso que seria meio injusto por que seriam duas cidades que falam português e uma que fala espanhol, então eu acho que o espanhol devia aderir ao português, devido a ter duas cidades que falam português, ser mais pessoas que falam português” (BF34) e “ninguém ia gostar (...) porque como tá todo mundo acostumando a falar o português e nós somos brasileiros, por que nós iríamos falar uma língua estrangeira quando não é necessário virar tudo espanhol? Porque eles não viram o português? Porque aqui são duas cidades e lá é uma, e só porque é outro país vai ganhar do nosso?” (BF19.1) –, confirmando nossa suspeita de que há, ainda que de forma velada, uma disputa pelo poder que se dá, fundamentalmente, na esfera da língua.

Contudo, independentemente da justificativa apresentada, o mais importante é que a língua nacional e/ou oficial é um fator determinante para a identidade do indivíduo para com seu grupo. É fato que há uma intrínseca relação entre

a língua falada pelo grupo e a sua identidade e aliando a isso fatores de ordem política e econômica, que influenciam, e muito, as relações locais, fica claro que não há identidade lingüística de ordem alguma por parte dos brasileiros com relação aos argentinos.

Por outro lado, ao colocarmos as respostas dos informantes argentinos a essa mesma pergunta no centro de nossas atenções, verificamos um posicionamento distinto do dos brasileiros. Apenas um dos informantes de Bernardo de Irigoyen se mostrou claramente desfavorável à suposta implantação do português como língua oficial das Cidades Trigêmeas: “eu vou defender a minha língua, vou falar: ‘não, nós somos argentinos, a gente vai falar em espanhol, essa é a nossa língua’. Cada um tem a sua, não tem porque trocar só porque a prefeitura quer (...), espanhol é espanhol e português é português” (AF16). Dois dos jovens argentinos considerariam esta uma mudança propícia: “aceito, acho que a maioria ia aceitar porque falam mais o português do que o espanhol, seria mais fácil a gente aceitar o português do que aceitarem o espanhol” (AF16.1) e “a gente ia ter que aprender a falar bem o português (...) eu sim, gostaria muito” (AM16). Os outros três informantes não têm uma opinião nem contrária nem a favor da mudança. Eles demonstraram uma tendência a aceitar passivamente a imposição da língua estrangeira sobre a sua, sem estar, entretanto, profundamente convictos sobre as vantagens e/ou necessidades da substituição: “se eu souber falar tá muito bom, se não... não sei (...) se eu sei falar, não tem problema, eu sei falar, sei me expressar mais ou menos então nenhum problema” (AF15), “por um lado eu iria perguntar: ‘por que o português e não o espanhol?’, mais se tiver um porquê exato eu vou ter que aceitar, inclusive ia ter que aprender bem a escrever porque falar eu acho

que falo bastante bem (...), mas vai ter gente seguramente que vai se revoltar bastante, fazer tudo quanto é tipo de coisa pra ser o espanhol e não o português ou então ficar como está agora” (AM16.1) e “depende, se for a lei tem que seguir a lei, mas eu acho que pra mim é melhor o espanhol” (AM17).

No total, 85,7% dos brasileiros não aceitaria a suposta implantação do espanhol como língua oficial da “Tríplice Fronteira”, enquanto apenas 17% dos argentinos mostrou-se declaradamente contra esta suposição.

Parece-nos que estas considerações estão de acordo com a maior disponibilidade dos argentinos a falar a língua portuguesa a fim de facilitar a comunicação entre os grupos, ainda que isso não os agrade. Aqui, também, eles se mostram mais passivos e dispostos a cooperar para que as relações entre brasileiros e argentinos sejam harmoniosas. Não julgamos, no entanto, que esta aceitação seja desmotivada. É importante para a análise ressaltar que muitas famílias argentinas são formadas por casais de brasileiros(as) e castelhanos(as) – na verdade, na maior parte dos casos, as famílias constituem-se de mulheres brasileiras e homens castelhanos, já que é mais comum, de acordo com os próprios informantes, a atração de homens argentinos por mulheres brasileiras do que de homens brasileiros por mulheres argentinas. Além disso, alguns dos nossos informantes têm familiares no Brasil e estão, por isso, mais acostumados a falar o português. A esses fatores soma-se, ainda, o fato de a pesquisadora ser brasileira, o que pode ter limitado a espontaneidade dos informantes durante as entrevistas.

Embora estejamos defendendo a não-identidade lingüística entre os grupos, é importante destacar, ainda, que a criação de uma provável língua de contato, o “portunhol”, como foi apontado por alguns informantes, constituiria fator importante para a identidade local. Dessa forma, ainda que o chamado “portunhol” não seja foco desta pesquisa, consideramos que a formação de uma língua fronteiriça desempenharia (e, talvez, já desempenhe) papel importante no desenvolvimento de uma identidade também fronteiriça. Deixamos a cargo de futuros estudos, entretanto, o aprofundamento desta questão.

5.5. Identidade Social

A fim de prosseguir com esta discussão, vamos lembrar as palavras de Mey (1998:87-88), apresentadas anteriormente, e que são de fundamental importância para o que pretendemos demonstrar: *dependendo de suas posições nos processos da sociedade, as pessoas ‘modernas’ podem ter identidades distintas e, algumas vezes, conflitantes*. Os dados coletados entre nossos informantes comprovam tal afirmação e levam-nos a concluir que a identidade manifestada entre os membros dos grupos pesquisados não é homogênea, estável ou uniforme. Ao contrário, ela é inconstante e, até mesmo, contraditória.

Por um lado, as Cidades Trigêmeas são um fator de orgulho para os habitantes locais, pois são diferentes de outras cidades comuns, o que faz dos seus

cidadãos representantes de uma realidade única, digna de apreciação. É o que percebemos nos seguintes comentários:

- “Muitas pessoas que eu mostrei [pessoas de outras cidades], porque tem o site aqui da região, achavam super interessante. Até quem vem de fora, às vezes clientes que vêm de fora, eles ficam me perguntando: ‘e agora onde a gente tá?’ e eu falo: ‘olha, se você passar aqui, você tá na Argentina’, ‘ah, mas não tem fiscalização?’, ‘não tem nada, às vezes tu entra e sai, é livre acesso, pode até ter mas não é aquela situação corriqueira’. (...) E aqui é assim, quem bebe a água do Peperi, que é a divisa entre Brasil e Argentina, não deixa de beber, quem vai volta” (BM25)
- “Não, não sou só eu que sinto. Muita gente de fora já falou pra mim: ‘cara, que dez uma tríplice fronteira seca sem rio pra interferir em nada’. Isso é diferente (...) é até hilariante, uma tri-fronteira, legal” (BM15)
- “é uma cidade pequena, e nós somos conhecidos por causa disso, porque senão ninguém ia saber onde fica Barracão. Eu chego e falo: ‘ah eu sou de Barracão’ e o pessoal fala: ‘de onde?’ aí eu falo: ‘de Barracão, divisa com Dionísio Cerqueira e Argentina’ e as pessoas acham legal, me perguntam como é e tal, aí a cidade se torna bem conhecida por isso” (BM19.1)

Isso fica claro, também, quando observamos avaliações majoritariamente positivas dos informantes em relação à “Tríplice Fronteira”, como discutimos na seção 5.1., ou ainda na maneira como as atrações locais são descritas nos folhetos turísticos e demais documentos municipais. Há, portanto, não só uma avaliação essencialmente positiva sobre a unicidade dos grupos, como também uma forte identificação dos moradores para com o grande grupo formado pelas três cidades.

Por outro lado, porém, ao investigarmos mais a fundo as relações entre os grupos e, principalmente, ao contrastarmos as interações entre brasileiros e brasileiros com as interações entre brasileiros e argentinos, notamos que uma óbvia e presumível diferenciação se estabelece. Assim, registramos avaliações explicitamente

negativas de um grupo sobre o outro (sobretudo de brasileiros sobre argentinos) – descritas na seção 5.3. – e distinções muito claras, que detalharemos a seguir.

O primeiro aspecto distintivo que nos chama a atenção é o emprego dos dêiticos “lá” e “aqui”, “nós” e “eles”, que são usados para estabelecer limites e contrastes entre os grupos. Em todos os inquéritos, foram recorrentes estes termos, bem como outras expressões que evidenciam uma separação nítida entre Brasil e Argentina, ainda que geograficamente os espaços sejam delimitados apenas por linhas imaginárias. Vejamos alguns exemplos:

- “tu já foi ali pra Argentina? Tu vê o nível deles, eles são porco, mas porco! Falando pode parecer que eu sou meio preconceituosa com eles, mas pode ser cidades com só um rua de divisa, mas o jeito deles viverem, o modo deles é totalmente oposto. Tu vai naqueles mercados é rato no meio de queijo, salame e aqui no Brasil tu não vê nada disso” (BF20)
- “eles ficam falando de nós, nós ficamos falando deles (...) por exemplo, das lojas que os brasileiro abre, que os brasileiros não vende, porque os brasileiro têm que vir comprar pra cá por causa do câmbio, daí da cidade, que a cidade de lá é mais bonita que daqui” (AF16.1)
- “tem muitas coisas que a gente vai buscar lá e vem de lá pra cá, por exemplo, eu entrei na academia lá porque aqui não tem, são coisas que faz falta aqui e faz falta lá também” (AM17)
- “Que nem agora, o peso está baixo e os brasileiros se prevalecem deles. Mas quando o peso estava alto, eles se prevaleciam de nós aqui. Porque pra nós, se aumenta o salário, aumentam as mercadorias. E pra eles não, se abaixa o salário diminui as mercadorias” (BF17)
- “Na copa do mundo, se o Brasil ganha, é confusão. Se a Argentina ganha, pior ainda. Porque os argentinos ganhando ou perdendo, os argentinos vêm aqui e riscam todos os carros que estão na fronteira” (BM15)
- “Tanto eles dependem de nós, como nós dependemos deles, dependendo da taxa de câmbio. Agora os argentinos estão vendendo bem, mas teve de noventa e quatro até dois mil e três, por aí, que os brasileiros se ergueram nas costas dos argentinos, por causa do dólar em alta eles fizeram muitas compras aqui, deixaram muito dinheiro aqui pra nossas cidades e agora nós estamos retornando pra eles. Um depende do outro” (BM19.1)

- “eles vêm aqui e a gente trata até bem eles, mas se tu for passar pro lado de lá, tu vai ver que não é a mesma coisa. Se tu pedir pra comprar alguma coisa vai ser aquele preço, eles não vão abaixar nada. Aqui não, aqui tu pode dá desconto, tu pode abrir até crédito pra eles, com CPF tu compra. Lá não, lá não podemos comprar nada fiado” (BM24)

As respostas dos informantes à última pergunta do questionário demonstraram de forma ainda mais incontestável a não-identificação entre os dois grupos. Eles foram perguntados sobre as semelhanças e diferenças percebidas por eles entre brasileiros e argentinos. E, sem dúvida, as diferenças apontadas foram maiores em número e em relevância do que as semelhanças.

Considerando as respostas tanto dos informantes brasileiros quanto dos argentinos, podemos traçar a seguinte comparação:

Brasileiros	Argentinos
• se vestem bem	• se vestem mal
• mais cuidadosos, vaidosos	• desleixados
• investem na casa, no carro etc.	• investem em comida, viagens e diversão
• mais educados	• grossos
• mais limpos e organizados	• sujos e desorganizados
• comem o essencial	• comem bem, gulosos
• cuidam da cidade	• não cuidam da cidade
• generosos	• preguiçosos

Vejamos as respostas mais significativas dos informantes brasileiros a essa pergunta, para que comprovemos a diferenciação estabelecida:

- “O modo de se vestir é diferente. Castelhana você sabe de longe pelo jeito de se vestir. É sempre aquela sapatilha. E brasileiro já não, se cuida mais, troca de roupa pra ir nos lugares, e os castelhanos usam as mesmas roupas pra ir nos lugares” (BF17)
- “O modo de se vestir é diferente, onde eles vivem, as casas são diferentes. Por que aqui o brasileiro pensa mais em investir. Pra eles, eles fazem uma casa só e tá bom, mas não são exigentes como aqui, pensam mais em comer. Não são exigentes que nem nós somos aqui, lá não, eles pensam mais em viajar, se divertir. Seria que eles aproveitam bem mais a vida, porque muitos aqui sempre estão trabalhando e estudando, e se divertem muito pouco” (BF19)
- “a educação dos brasileiros, depende o brasileiro, é melhor que a do argentino (...); o povo brasileiro é muito mais educado que o castelhano, tem muito argentino grosso (...). O jeito de se vestir do brasileiro é melhor que do argentino, o brasileiro se ajeita bem, se arruma bem, o argentino mais ou menos, tem alguns que se ajeitam, mas têm outros que Deus o livre! Acho que ali precisa de uma clínica de odontologia pra arrumar todos os dentes daqueles argentinos. Se achar um deles com sorriso bonito é muito, um ou dois bem arrumado também é muito, os argentinos nessa parte são muito relaxado. Você entra aqui já não dá nem vontade de pisar lá na Argentina por causa da sujeira, tem medo de estragar alguma coisa porque é tudo rua de pedra; já aqui não, é tudo organizado, tudo limpinho (...) aqui tem arrumação, ali é tudo jogado na rua. Quatro da tarde eles abrem as lojas pra vender, mas também ficam até oito, nove horas, mas não tem horário pra nada, se eles não querem não abrem, ficam em casa tomando mate, assistindo TV, eles não tão nem aí” (BF19.1)
- “o castelhano é mais preguiçoso. E de igual entre os dois, os dois são orgulhosos, os dois povos aqui são bem orgulhoso por isso que eles não se misturam (...) eles são mais largadão, não é que nem nós assim mais exigente, pra eles qualquer coisa tá bom” (BF20)
- “o argentino se preocupa mais com viajar, em se divertir, comer bem, sair de férias, ele não se preocupa tanto com a casa, com organizar, ajeitar e tal, eles se preocupam mais com a outra parte de sair, se divertir e tal. E nós brasileiros já não, já se preocupa mais com o bem estar, com a roupa, com o alimento, com a casa, organização, arrumação” (BF22)
- “você percebe que é um brasileiro porque sempre tá na moda, o castelhano não, veste qualquer roupa, acordou veste qualquer roupa, só passa uma água no cabelo. E também porque castelhano caminha mais com postura, mais ereto, e também cabelo longo, maioria dos castelhanos tem cabelo longo, ou cabelo curto e usa um brinco, a calça jeans é mais justa, mas ajustado assim no castelhano, você percebe que é um

castelhano, que é um grupo de castelhano pelo fato das roupas e também deles estarem falando alto” (BM17)

- “O que é igual é que eles gostam bastante de festa. O que é diferente é que eles se vestem diferente. Aqui a gente usa roupa larga assim no joelho, e eles já usam roupas mais apertadas, bem apertadas as roupas deles” (BM20)
- “pra eles tendo o que comer e dinheiro pra viajar é a melhor coisa” (BM24)

Abaixo, estão dispostos trechos das respostas dos seis informantes argentinos a essa mesma pergunta. Em diversos aspectos, curiosamente, suas falas corroboram as descrições (até mesmo as de caráter negativo) feitas pelos brasileiros a seu respeito:

- “nós, a maioria dos argentinos, pensamos somente em nós e os brasileiros já tratam de beneficiar os demais amigos, não digo em geral, mas a maioria daqui só pensam em ter mais dinheiro, e lá o estado colabora com todos os demais” (AF15)
- “tem muita diferença, com eu te falei, no tipo da vestimenta. Assim, nas cidades, eu adoro o Brasil, eu gostaria de morar no Brasil, a cidade é limpa, o pessoal ajuda a manter a cidade, tipo assim, aqui ninguém olha se tu coloca uma planta na praça, eles não vão cuidar, vão pisar, não interessa, entende, vão sujar. Isso que tem no brasileiro, ele é bem limpo, bem higiênico e aqui já não, é muita diferença!” (AF16)
- “o costume da comida, da cultura é diferente um pouco, não tem muita diferença, mas as comidas e cultura é diferente (...) as danças daqui é diferente das de lá, a forma de se vestir quase sempre é diferente, as comidas quase sempre é diferente” (AF16)
- “eu acho que o Brasil é mais responsável pelas coisas que faz (...). O Brasil cresce dia a dia, aqui demora muito tempo, o Brasil cresce bastante, aqui tarda muito” (AM16)
- “primeira diferença que eu conheço de longe do brasileiro e argentino é a roupa, os caras usam shorts grandão, chinelo, bonezinho e camiseta bem locona e aqui não, aqui já é mais saia, jeans, tênis essas coisa. As gurias do Brasil tudo com essas roupa, vestido grandão, sandalhona alta essas coisas, aqui não, qualquer shortzinho, chinelinha tá bem pra poder sair e dar volta na praça. E com respeito ao cuidado, o carro brasileiro, o cuidado sempre foi melhor que o argentino. (...) Na cultura é muito diferente, o jeito do chimarrão, a comida lá no Brasil, aqui eu vejo lá em casa todo mundo gosta de comer bem, lá no Brasil tendo o feijão carioca, o arroz e a carne de gado, pra eles tá bem, eles se dedicam mais a cuidar da casa. Tu vai no Brasil, as flores, a casa bem arrumada, aqui eles só pensam em comer, a casa que vá, aqui é

assim, só pensam no churrasco dia e noite, comida boa, sei lá (...) E com respeito às mulheres, elas se cuidam mais que as argentinas” (AM16.1)

- “eu acho que os brasileiros são mais generosos, por exemplo, eles puxam mais pela pátria por tudo, aqui já não é tanto assim, por exemplo, deste lado aqui não se respeita muito os hinos nacionais e pra aquele lado eu me dou conta que é mais” (AM17)

São evidentes os juízo de valor implícitos nessas repostas, principalmente nas respostas dos informantes brasileiros, e, como já sabemos, as atitudes manifestadas desempenham papel definitivo no estabelecimento de identidades ou diferenciações entre os grupos. Basta lembrar que *puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios* (Fernández, 1998:180).

Assim, visto que as interações sociais, bem como as avaliações, não se dão da mesma forma entre brasileiros de uma cidade e outra e entre brasileiros e argentinos, percebemos uma explícita distinção, que caminha em direção contrária à identidade que os grupos pregam e tentam preservar, que é o oposto dela. É, contrariamente, a expressão da não-identidade, da separação, da delimitação.

Há, portanto, uma clara tensão entre o que podemos chamar de “**comunidade ideal**” – aquela que engloba todos os seus membros em um mesmo grupo, não importando se são eles de uma nacionalidade ou de outra – e uma “**comunidade real**” – a que particulariza e estabelece diferenças. É o que se observa ao serem contrapostos os seguintes trechos (além de muitos outros já transcritos ao decorrer da análise):

COMUNIDADE IDEAL “CIDADES TRIGÊMEAS”	<ul style="list-style-type: none"> • “Na verdade, pra mim é o mesmo lugar. Não tem diferença Dionísio Cerqueira, Barracão e Argentina” (BF17) • “é uma referência nacional, é a única tri-fronteira do mundo, eu acho que tenho que ficar orgulhoso, não chateado, por que é uma coisa única” (BM15) • “É, seria um ponto de referência, a gente muitas vezes brinca que é como se fosse o fim do mundo, mas também é como se fosse o início do mundo, o início de uma era. (...) a convivência dessa Tri-Fronteira é, como eu poderia dizer, seria uma coisa totalmente inédita, então a convivência que a gente tem com argentinos é uma relação totalmente amigável, tanto paranaenses como catarinenses também é uma relação assim” (BM25) • “Eu acho interessante, por que cada uma das cidades mesmo todas juntas, são culturas diferentes. A cultura é diferente mas eles convivem juntos (...) hoje em dia, brasileiros e argentinos convivem juntos, acontecem casamentos entre brasileiros e argentinos, aqui é comum essa convivência, eu acho muito interessante isso” (BF34) • “eu acho que é bastante unida, bastante unida, conjunto bem unido” (AM16)
---	--

COMUNIDADE REAL “BRASIL X ARGENTINA”	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, não é o mesmo relacionamento. Mesmo porque é estranho tu chegar e falar com um castelhano e falar com um brasileiro. O jeito de falar dele é diferente, tudo é diferente. Tu vai estranhar no começo, mas se tu ficar um tempo tu vai acostumar. Mas é melhor tu falar com um brasileiro ainda” (BM15) • “um homem brasileiro não namora com uma castelhana, já os castelhanos namoram com brasileiras, e tu não vai numa festa e tem um castelhano e um brasileiro conversando, sendo amigos, no máximo ‘oi’ e ‘tchau’, agora amigos não existe. Aqui é brasileiro, aqui é argentino” (BF20) • “Olha, eles vem aqui e a gente trata até bem eles, trata bem, mas se tu for passar pro lado de lá, tu vai ver que não é a mesma coisa” (BM24) • “Os brasileiros daqui não gostam dos castelhanos (...) convivem porque tem que conviver, mas não que brasileiros gostem do castelhano” (BF34) • “todo país puxa pro seu lado e nenhum quer ser menos que o outro” (AM16.1) • “quase sempre tem assim argentino que não gosta de brasileiro, brasileiro que não gosta de argentino, sempre tem isso” (AF16.1)
---	---

A identidade entre os integrantes das Cidades Trigêmeas não é, portanto, uma. São duas. Duas identidades distintas e conflitantes, contraditórias, incoerentes, talvez. Uma é a identidade que integra os membros dos três grupos que, juntos, formam a única fronteira seca entre três cidades, dois estados e dois países de que se tem notícia. A outra é a que agrupa brasileiros e distingue-os dos argentinos, é, portanto, a que, contraditoriamente, diferencia e delimita.

A pergunta que advém destas considerações é: quando é feita a transição de uma identidade para outra? Sim, pois não há entre elas uma separação dada e definitiva, ou seja, elas não são polarizadas. É, na realidade, na forma de um processo contínuo que se dá a passagem de uma extremidade à outra. Assim sendo, a resposta é simples: fazer parte da “comunidade ideal” pode ser interessante em determinados momentos, como, por exemplo, ao tratar-se do turismo ou das vantagens que esse contato pode oferecer à economia local. Por outro lado, quando outras situações sociais são postas em questão, como, por exemplo, o futebol, o mais atraente passa a ser fazer parte da “comunidade real”. Tudo depende, portanto, dos papéis sociais desempenhados e dos interesses vigentes, afinal, como já afirmamos anteriormente, os processos de identidade e diferença não são, nunca, inocentes ou desprovidos de ideologias. Trata-se, portanto, de um jogo de interesses que, pode até ser jogado inconscientemente, mas que define quando é feita a “identificação” e quando se deve optar pela “diferenciação”, ou seja, é a esse jogo que se atribui a delimitação entre a “identidade” e a “diferença”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal força motivadora deste estudo foi nossa recusa em acreditar que brasileiros e argentinos vivendo em tal proximidade se isentassem das avaliações, disputas e rixas tão próprias destes dois grupos; e os dados mostraram que estávamos certos com relação a isso.

Creemos ter, portanto, condições de responder às duas perguntas propostas no início desta pesquisa. A resposta da primeira delas, “será que o convívio entre brasileiros e argentinos (grupos historicamente rivais) em uma região de fronteira seca, na qual são obrigados a dividir praticamente o mesmo espaço, é mesmo tão pacífico quanto quer nos fazer crer o discurso oficial corrente na localidade?”, como já supúnhamos, é não. Isso porque, como buscamos demonstrar, avaliações desfavoráveis e menções à rivalidade entre os grupos foram recorrentes, ainda que não possamos negar que haja de fato uma intensa integração entre os grupos.

É fato que em um primeiro momento a avaliação dos informantes com relação ao grupo vizinho e à sua língua foi positiva, a ponto de percebermos um forte orgulho pela realidade única que formam juntos e de registrarmos avaliações entusiasmadas da fala do outro. Indo mais a fundo, porém, detectamos dados mais significativos, como, por exemplo, o desinteresse dos brasileiros em aprender e/ou falar o idioma dos argentinos.

O fato de se recusarem a falar o espanhol, embora reconheçam a importância desta língua para o mercado de trabalho e para as interações locais, faz-nos concluir que a atitude negativa em relação ao outro, ou seja, ao argentino, é fator predominante nesta relação. Além disso, acreditamos na hipótese da tentativa de detenção do poder através do enfraquecimento do outro e da língua do outro, afinal, como sabemos, as relações sociais – tanto em relação à identidade quanto em relação às atitudes sociolingüísticas – não são inocentes, tampouco desvinculadas de interesses.

As avaliações essencialmente negativas dos brasileiros em relação aos argentinos evidenciam, também, a não-passividade entre os grupos. Não queremos com isso afirmar que brasileiros e argentinos oriundos das Cidades Trigêmeas estão em guerra. Isso não chegaria nem mesmo perto da verdade. Entretanto, ainda que exista um convívio pacífico entre os grupos, ele não está isento de rivalidades e avaliações pouco agradáveis, como “preguiçosos”, “grossos”, “gulosos” etc.

A resposta à segunda pergunta, “há mesmo uma identificação entre os membros das três cidades a ponto de favorecer e justificar a formação de uma única e mesma comunidade chamada ‘Cidades Trigêmeas’?”, por sua vez, apresenta-se de forma contraditória, uma vez que, por um lado, é sim, por outro, porém, é não.

Há, de fato, uma sólida identificação entre os grupos, quando considerados os três – Barracão, Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen – em oposição a outros, isto é, a realidade sócio-geográfico-cultural que constituem é diversa e única, o que gera orgulho e admiração nos cidadãos provenientes de lá e,

consequentemente, uma forte identidade. Além disso, há a manutenção de um pré-dito segundo o qual os moradores locais, desde o momento do nascimento ou da integração àquela comunidade, fazem parte da única “tríplice fronteira” seca de que se tem notícia, e isso é positivo. É esta relação que classificamos como indicadora de uma “comunidade ideal”, aquela que não estabelece diferenças entre os grupos e promove a unicidade entre eles.

Todavia, ainda que a “Tríplice Fronteira” desperte atitudes favoráveis nos informantes, as atitudes direcionadas aos argentinos, quando considerados um grupo distinto, em oposição aos brasileiros, é fundamentalmente negativa. Conseqüentemente, uma distinção clara e objetiva é estabelecida, evidenciando a não-identidade entre os grupos. Esta posição caminha em direção oposta à anterior e reflete os princípios de uma “comunidade real”, a que estabelece limites e diferenciações.

Assim, tanto na esfera das atitudes sociolingüísticas como no âmbito da identidade, o que percebemos nesta breve análise é que há uma dualidade constante nas relações mantidas nas Cidades Trigêmeas, uma vez que um mesmo indivíduo reproduz discursos não homogêneos correntes na região. As relações de identidade lingüística e social na “Tríplice Fronteira” são, dessa forma, contraditórias e variam de acordo com os interesses dos grupos. Afinal, quando se põe em foco a “comunidade ideal” e, como conseqüência, percebemos uma forte identidade entre os três grupos, o que se pretende é contrastar e fortalecer este grupo frente a outros e, com isso, promover a divulgação das Cidades Trigêmeas, impulsionando o turismo e a economia local. Em contrapartida, quando o foco é a “comunidade real”, o objetivo é garantir as particularidades e a identificação para com sua própria nação.

Por fim, nossas palavras finais sobre a pesquisa e os resultados:

Não é nossa intenção nos isentar da culpa pelas falhas e limitações desta pesquisa. Julgamos, porém, ter esclarecido os principais pontos que nos dispusemos a investigar, o que nos dá uma aprofunda satisfação frente ao resultado obtido após um longo processo de estudo e trabalho.

Enfim, o ponto final que nossa pesquisa nos permitiu alcançar não é, em verdade, a linha de chegada. Ao invés disso, ele aponta caminhos opostos, que sugerem um caminhar ainda mais adiante. O que buscamos fazer, no entanto, foi uma descrição dos fenômenos da atitude e da identidade sociolingüística em um ponto propício para este tipo de investigação. E, embora muito mais pudesse e devesse ainda ser dito e discutido sobre o tema em questão, acreditamos ter chegado a um resultado satisfatório, um resultado que, mais do que apresentar respostas, desempenhará a função de instigar o leitor e, quem sabe, motivá-lo a realizar pesquisas semelhantes. Se esta intenção se concretizar, teremos, então, cumprido um importante papel com a realização desta pesquisa. Assim, ao menos, esperamos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes Lingüísticas de Nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1979.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. *Brasileiros e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes Sociolingüísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

CARGILE, Aaron Castilan & GILES, Howard. *Understanding Language Attitudes: exploring listener affect and identity*. *Language and Communication*, vol. 17, n. 3, pp. 195-217, 1997.

CARGILE, Aaron Castilan; GILES, Howard; RYAN, Ellen & BRADAC, J. *Language Attitudes as a Social Process: A Conceptual Model and New Directions*. *Language and Communication: an interdisciplinary journal*. Volume 14. Number 3, pp. 211-235, 1994.

GARRET, Peter; COUPLAND, Nikolas & WILLIAMS, Angie. *Evaluating Dialect in Discourse: Teacher's and teenager's responses to young English speakers in Wales*. *Language in Society*, Cambridge University Press, Vol. 28, n. 3, pp.321-354, 1999.

CONFORTIN, Helena. *Atitudes Lingüísticas de Falantes Bilingües*. *Revista Letras*, PUCAMP, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 123-135, dez. 2001.

CÔTÉ, Pierre & CLÉMENT, Richard. *Language Attitudes: an interactive situated approach*. *Language & Communication*, vol. 14, n. 3, pp. 237-251, 1994.

FASOLD, Ralph. Language Attitudes. In: _____. *The Sociolinguistics of Society*. Oxford, England; New York, NY, USA: Basil Blackwell, 1984. pp. 147-179.

FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In: _____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, SA: 1998. pp. 179-193.

HOLMES, Janet. Attitudes and Applications. In: _____. *An introduction to sociolinguistics*. 2 ed. London: Longman, 2001. pp. 342-365.

KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

LAMBERT, Wallace E. *A Social Psychology of Bilingualism*. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, Janet (org.). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth, Penguin Books, 1972. p. 336-349.

LEVIN, Harry; GILES, Howard & GARRET, Peter. *The effects of lexical formality and accent on trait attributions*. *Language and Communication*, vol. 14, nº. 3, pp. 265-274, 1994.

LINDEMANN, Stephanie. *Listening with an Attitude: A model of native-speaker comprehension of non-native speakers in the United States*. *Language in Society*, Cambridge University Press. Vol. 31, n. 3, pp.419-441, 2002.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *Atitudes lingüísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás*. *Revista Letras*, PUCAMP, Campinas, v. 22, n. 1/2, p. 85-114, dez. 2003.

MEY, Jacob. Etnia, Identidade e Língua. In: SIGNORINI, Inês (org.) *Língua(gem) e Identidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. pp. 69-88.

MORALES, Humberto López. Creencias y Actitudes. El cambio lingüístico. In: _____. *Sociolingüística*. 2 ed. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

PEREIRA, Gilberto Schreiner. *As Cidades Gêmeas*. Blumenau: Odorizzi, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Conceito de Identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.) *Língua(gem) e Identidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. PP.21-45.

RAMOS, Fabiana. *Atitudes Lingüísticas de Falantes da Cidade de João Pessoa*. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE – GELNE. 1998. Fortaleza. Anais... p. 351-353.

RYAN, Ellen B. & GILES, Howard (eds.) *Attitudes Towards Language Variation: social and applied contexts*. London: Edward Arnold, 1982.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. Attitudes toward Communicative Performance. In: _____. *The Ethnography of Communication: an introduction*. 2 ed. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção da Identidade e da Diferença. In: _____. (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 73-102.

THOMASON, Sarah G. *Speaker's attitudes in language change, contact-language genesis and language preservation*. *Estudios de Sociolingüística* 2 (2), 2001, pp.13-26.

8. Sites pesquisados

Governo da Província de Misiones: <http://www.misiones.gov.ar/egov>

Governo de Santa Catarina: <http://www.sc.gov.br>

Município de Barracão: <http://www.barracao.pr.gov.br>

Município de Dionísio Cerqueira: <http://www.pmdc.sc.gov.br>

APÊNDICES

APÊNDICE A

FICHA DE DADOS SOBRE O INFORMANTE

Nome: _____

Sexo: () masculino () feminino

Idade: _____

Escolaridade: _____

Naturalidade: () Barracão – PR () Dionísio Cerqueira – SC () Bernardo de Irigoyen – Arg

Endereço:

Contato (e-mail / telefone): _____

Observações:

Local da entrevista:

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

1. Você sabia que essas três cidades aqui são conhecidas como “tríplice fronteira” ou “cidades trigêmeas”? O que você acha disso?
2. Você acha que existe algum tipo de rivalidade / desentendimento entre os moradores daqui? (brasileiros e argentinos)
3. Na sua opinião, que língua é considerada mais importante aqui na tríplice fronteira: o português ou o castelhano? Por quê?
4. Você já fez ou ouviu alguma piada sobre argentinos que tinha a ver com o modo de falar deles?
5. O que você acha do argentino falando espanhol?
6. E o que você acha do argentino falando português?
7. Na sua opinião, qual língua é mais fácil / mais difícil: o português ou o castelhano?
8. E qual língua é mais bonita / agradável / melhor?
 - 8.1.(Se o português é mais bonito) Cite exemplos do que você acha feio no castelhano.
 - 8.2.(Se o português é melhor) Explique porque o português é melhor que o castelhano.

9. Existe algum apelido que você usa para se referir aos argentinos quando você está com seus amigos?
10. Você tem amigos argentinos?
- 10.1. (Em caso de resposta afirmativa) Como vocês se conheceram? Como é a relação de vocês?
- 10.2. (Em caso de resposta negativa) Por que não?
11. Você sabe falar espanhol / português (como LE)?
- 11.1. (Em caso de resposta afirmativa) Como você aprendeu essa língua? E porque você decidiu aprendê-la?
- 11.2. (Em caso de resposta negativa) Você acharia importante aprender essa língua ou isso não tem nenhuma importância para você? Por quê?
12. Se um argentino tirasse sarro de você por causa do seu jeito de falar, o que você diria para ele? Isso já aconteceu?
13. Se você fosse de outro país e precisasse se comunicar com os moradores daqui, qual língua você aprenderia: o português ou o castelhano? Por quê?
14. Você já ficou chateado com alguma coisa que um argentino te disse? O que aconteceu?
15. Teve alguma situação em que você tenha se aborrecido com o fato de morar tão próximo de argentinos? Como foi isso? (Em caso negativo: Isso nunca te incomodou?)

16. Se eu te pedisse pra me explicar como é o castelhano, como você definiria essa língua para mim? Quais são suas características?

17. Imagine a seguinte situação: as prefeituras destas cidades resolvem fazer um acordo e decidem que de agora em diante a língua oficial da “Tríplice Fronteira” é o espanhol. Qual seria sua reação? O que mudaria na convivência das pessoas daqui?

18. Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os argentinos. E com relação ao português e ao espanhol?